

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

ANDRÉ LUIS BAUMHARDT ZULIANI

**ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA NO EXÉRCITO BRASILEIRO:
UMA ANÁLISE EM UMA ORGANIZAÇÃO MILITAR DA FRONTEIRA GAÚCHA**

**Santana do Livramento
2016**

ANDRÉ LUIS BAUMHARDT ZULIANI

**ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA NO EXÉRCITO BRASILEIRO:
UMA ANÁLISE EM UMA ORGANIZAÇÃO MILITAR DA FRONTEIRA GAÚCHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em administração pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA.

Orientadora: Prof.^a (a). Silvia Amélia Mendonça Flores

Santana do Livramento

2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

Z330a

Zuliani, André Luis Baumhardt
ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA NO EXÉRCITO BRASILEIRO: UMA
ANÁLISE EM UMA ORGANIZAÇÃO MILITAR DA FRONTEIRA GAÚCHA /
André Luis Baumhardt Zuliani.
81p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, ADMINISTRAÇÃO, 2016.
"Orientação: Silvia Amélia Mendonça Flores".

1. Alfabetização Financeira. 2. Finanças Pessoais. I.
Título.

ANDRÉ LUIS BAUMHARDT ZULIANI

ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA NO EXÉRCITO BRASILEIRO:

Uma análise em uma Organização Militar da fronteira gaúcha

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em administração pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA.

Área de Concentração: Finanças Pessoais

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 17/11/2016.
Banca examinadora

Prof. Msc. Silvia Amélia Mendonça Flores
Bacharelado Administração – UNIPAMPA

Prof. Msc. Thadeu José Francisco Ramos
Bacharelado Administração – UNIPAMPA

Prof. Msc. Ana Carolina Cozza Josende da Silva
Bacharelado Administração – UNIPAMPA

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha noiva Mikaela, que acompanha a minha caminhada desde o primeiro semestre da graduação. Tenho absoluta certeza que não teria chegado até aqui sem ela, pois estive ao meu lado em todos os momentos, não me deixando esmorecer frente às dificuldades. Seu apoio, dedicação, carinho e cuidado foram fundamentais para esta conquista.

Agradeço ao meu pai, que não pode ver esta realização, mas deixou um grande exemplo de integridade, dedicação e trabalho, o qual busco seguir todos os dias. Estendo o agradecimento a toda minha família.

À minha orientadora, Professora Silvia, pelo apoio, contribuições e atenção dispendida desde que apresentei o problema que buscava pesquisar.

Não posso deixar de mencionar e agradecer aos professores que tive no ensino básico e aos meus instrutores militares, que me incentivaram a fazer o melhor possível sempre, independente da atividade que realizara.

Agradeço ainda aos meus colegas de trabalho, em especial ao Sargento Deivison, que conduziu o Setor Financeiro durante o tempo que me afastei dos trabalhos da seção para me dedicar à pesquisa.

RESUMO

Levando em consideração a existência de uma lacuna educacional, o presente estudo buscou estimar o nível de alfabetização financeira dos militares de uma Organização Militar da fronteira gaúcha, identificando o grau de conhecimentos, de comportamentos e de atitudes financeiros destes militares e comparando estes atributos por nível hierárquico e por variáveis socioeconômicas. Partiu-se do pressuposto de que o serviço militar obrigatório se configura como uma porta de entrada ao mercado de trabalho e à inclusão financeira. Assim, julgou-se pertinente avaliar o grau de alfabetização deste público, estendendo esta análise a todos os estratos da Organização Militar. O estudo é classificado como descritivo, de abordagem quantitativa. Optou-se por empregar a *survey* como método de pesquisa e os dados foram coletados com um instrumento de coleta e uma metodologia de mensuração já validada. A análise dos resultados se deu pela estatística descritiva e foi verificada a existência de relação entre as variáveis por meio do Teste *t* e da ANOVA. Como resultado, verificou-se que a maior parte dos servidores que compõe a organização possui baixo nível de alfabetização financeira. Concluiu-se que a dimensão das atitudes pouco influi na formação dos níveis de alfabetização financeira e foi possível verificar a relação direta entre conhecimentos financeiros e comportamentos financeiros. Viu-se que o nível hierárquico, a idade, o estado civil, a posse ou não de dependentes, a escolaridade, a renda e a constituição dos lares no tocante a residentes economicamente ativos influem na alfabetização financeira. Os achados reforçam a necessidade de implementação de programas rígidos de alfabetização financeira à população em geral, de forma a ampliar o alcance da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF).

Palavras-chave: Alfabetização Financeira, Finanças Pessoais.

ABSTRACT

Taking into account the existence of an educational gap, this study sought to estimate the level of financial literacy of the military of an organization of the state border, identifying the level of knowledge, behaviors and financial attitudes of these military and comparing these attributes by hierarchical level and socioeconomic variables. Starting from the assumption that compulsory military service is configured as a gateway to the labor market and financial inclusion. Thus, it was deemed appropriate to assess the level of literacy of the public, extending this analysis to all strata of the Military Organization. The study is classified as descriptive, with quantitative approach. Has been chosen to use the survey as a research method and the data were collected with a collection tool and a measurement methodology previously validated. For these data represent more faithfully the population considered, has been used a stratified random sample. The analysis was done through descriptive statistics and has been verified the existence of relationship between the variables using the t Test and ANOVA. As a result, it was found that most of the servers that make up the organization have a low level of financial literacy. It was concluded that the size of some attitudes influences the formation of financial literacy levels and has been observed a direct relationship between financial literacy and financial behavior. Has been discovered that the hierarchical level, age, marital status, possession, or non-dependent, education, income and the constitution of households with respect to economically active residents influence on financial literacy. The findings reinforce the need to implement strict financial literacy to the general population, in order to expand the scope of the National Strategy for Financial Education (ENEF).

Keywords: Financial literacy, Personal finance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Componentes da alfabetização financeira	20
Figura 2 - Representação gráfica da distribuição do nível de conhecimentos financeiros	40
Figura 3 - Representação gráfica da distribuição do nível de atitudes financeiras.....	42
Figura 4 - Representação gráfica da distribuição dos níveis de comportamentos financeiros.	44
Figura 5 - Nível de conhecimento por idade	50
Figura 6 - Nível de comportamentos financeiros por níveis hierárquicos	51
Figura 7 - Nível de conhecimentos financeiros por nível hierárquico.....	52
Figura 8 - Nível de conhecimentos financeiros por escolaridade.....	55
Figura 9 - Nível de comportamentos financeiros por escolaridade	56
Figura 10 - Nível de conhecimentos financeiros por renda	57
Figura 11 - Nível de comportamentos financeiros por renda.....	58
Figura 12 - Nível de comportamentos financeiros por familiares economicamente ativos	59
Figura 13 - Nível de conhecimentos financeiros por familiares economicamente ativos	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conceito de alfabetização financeira	18
Quadro 2 – Relação entre variáveis socioeconômicas e educação/alfabetização financeira ...	25
Quadro 3 – Cálculo do tamanho da amostra por estrato	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da amostra	35
Tabela 2 – Perfil dos respondentes segundo as variáveis idade, gênero, estado civil e posse de dependentes	36
Tabela 3 - Perfil dos respondentes segundo a escolaridade, nível hierárquico e renda	37
Tabela 4 - Estatística descritiva dos conhecimentos financeiros	39
Tabela 5 - Estatística descritiva das atitudes financeiras	41
Tabela 6 - Estatística descritiva dos comportamentos financeiros	43
Tabela 7 - Estatística descritiva segundo a classificação de alfabetização financeira	45
Tabela 8 - ANOVA dos índices de alfabetização financeira por idade	50
Tabela 9 - ANOVA dos índices de alfabetização financeira por nível hierárquico	52
Tabela 10 - Estatística descritiva da alfabetização financeira por estado civil	53
Tabela 11 - ANOVA dos índices de alfabetização financeira por estado civil	53
Tabela 12 - Estatística descritiva da alfabetização financeira por dependentes	54
Tabela 13 - Teste T dos índices de alfabetização financeira por dependentes	54
Tabela 14 - ANOVA dos índices de alfabetização financeira por escolaridade	56
Tabela 15 - ANOVA dos índices de alfabetização financeira por renda	58
Tabela 16 - ANOVA dos índices de alfabetização financeira por residentes economicamente ativos	60

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1. ESTRUTURA DO TRABALHO.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1. EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	12
2.1.1. EFETIVIDADE DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA	14
2.1.2. DETERMINANTES DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA	16
2.2. ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA	18
2.2.1. DETERMINANTES DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA.....	21
3. MÉTODO.....	27
3.1. TIPO DE PESQUISA.....	27
3.2. MÉTODO ESCOLHIDO	28
3.3. TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	28
3.4. UNIVERSO DA PESQUISA E AMOSTRAGEM.....	30
3.5. TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	33
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	35
4.1. PERFIL DOS RESPONDENTES.....	35
4.2. NÍVEL DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA.....	38
4.3. FATORES RELACIONADOS AO NÍVEL DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA ...	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	65
APÊNDICES	72
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	72
ANEXOS	76

ANEXO 1 - METODOLOGIA DE UTILIZAÇÃO DO TERMÔMETRO DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA	76
---	----

1. INTRODUÇÃO

Em períodos anteriores, a condução da política econômica foi caracterizada, dentre outros fatores, pelo impulso ao consumo doméstico. Este fato foi mais marcante entre os anos de 2006 e 2010, onde o governo intensificou a transferência de renda e o estímulo ao consumo das famílias (GIAMBIAGI, 2011). Com isso, o acesso aos produtos e serviços do sistema financeiro se estendeu a uma parcela da população que até então se encontrava excluída deste sistema (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013).

Contudo, os bons momentos vividos na economia brasileira na última década trouxeram um lado perverso: o aumento do endividamento das famílias. Fernandes e Candido (2014) sugerem que o crescimento do endividamento familiar e da inadimplência dos cidadãos e das empresas são consequências negativas do cenário econômico favorável.

No contexto da economia brasileira, o crescimento das taxas de inflação, queda da produção industrial, aumento do desemprego nos diversos setores e a queda do Produto Interno Bruto trazem uma série de desafios para as famílias e empresas de todo território nacional. Estes aspectos macroeconômicos adversos ficaram mais evidentes a partir do último quadrimestre de 2015 e início de 2016 e podem estar contribuindo para uma defasagem no orçamento das famílias, especialmente nas de baixa renda. Com isso, crescem os indicadores de endividamento e inadimplência.

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) reforça esta posição. Os dados divulgados em fevereiro de 2016 demonstram um aumento do endividamento das famílias no período, comparado ao ano de 2015. A série histórica da pesquisa, que demonstrava queda no índice, foi revertida a partir de novembro daquele ano, possivelmente devido à deterioração do cenário econômico. A atual conjuntura dificulta que famílias inadimplentes saiam desta situação. Diante das perspectivas negativas para os próximos meses, espera-se uma piora deste panorama, com crescimento do endividamento involuntário das famílias (FECOMÉRCIO, 2016).

Apesar disso, os fatores externos não podem ser apontados como única causa do desequilíbrio financeiro das famílias. Santos (2014) aponta fatores determinantes para tanto, destacando como mais relevantes a falta de orçamento, ou seja, a falta de planejamento e controle dos gastos e a educação financeira deficiente. Para o autor, a educação financeira

pode fornecer as bases de conhecimento necessárias para que os indivíduos administrem seus rendimentos com eficiência, obtendo saldos líquidos positivos e constituindo reservas financeiras.

Se em épocas de hiperinflação as famílias eram forçadas a despendem boa parte dos seus rendimentos de imediato, a presente situação econômica sugere o contrário. Em um contexto de incertezas, parece imperativo que as famílias procurem educar-se financeiramente para desfrutar dos benefícios proporcionados por alguns dos produtos e serviços do sistema financeiro (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013).

Lusardi (2015) considera que a educação financeira é particularmente importante para os jovens, pois as decisões financeiras tomadas no seu cotidiano têm impacto direto na sua vida futura. Ingressar ou não no ensino superior e como financiar esta fase da vida é um exemplo disso. A responsabilidade das gerações mais novas requer que os mesmos tenham conhecimentos que os auxiliem na tomada de decisões financeiras importantes.

Porém, existem estudos que apontam uma defasagem no nível de conhecimentos destes jovens sobre questões financeiras. Uma pesquisa conduzida pelo *Programme for International Student Assessment (PISA)*, ou Programa Internacional de Avaliação de Alunos (tradução nossa), revelou a proficiência em educação financeira de aproximadamente 29.000 jovens em idade escolar, de 18 países. Dentre os países analisados, a Colômbia teve o pior resultado, com 56% dos estudantes abaixo do padrão mínimo estipulado. Além disso, os resultados indicam que mesmo em economias desenvolvidas, como os Estados Unidos, a Itália e a França, muitos estudantes não são alfabetizados financeiramente (LUSARDI, 2015).

Em países com alto índice de desenvolvimento humano, onde o nível da educação pública é muito superior ao brasileiro, os resultados demonstraram um despreparo dos jovens para lidar com questões financeiras. Uma analogia dos resultados da pesquisa ora descrita sugere que vivenciamos situação semelhante no Brasil. Embora inexista, em âmbito nacional, pesquisa sobre o nível de educação financeira tão ampla quanto a conduzida pela OECD, a mesma agência aponta que a educação no Brasil esta abaixo do padrão das principais economias do mundo. Para Schwartzman (2005) a educação brasileira possui deficiências qualitativas graves, baixa cobertura e os esforços para alterar esta situação são difusos e ineficientes. Machado (2011) reforça esta posição, afirmando que a educação financeira é

tratada de forma superficial nas escolas, restringindo-se, quando ocorre, a conteúdos básicos como a elaboração do orçamento doméstico.

Neste cenário, pode-se afirmar que a deficiência em educação financeira é um problema global. Alguns estudos apontam para esta direção, afirmando que mesmo profissionais com formação superior têm dificuldades no assunto (AMADO, 2011; CHEN; VOLPE, 1998; DIAS, 2013; FERNANDES; CANDIDO, 2014; GARCÍA et al., 2013; KEMPSON, 2009; LOPES JÚNIOR; PELIAS; SAVOIA, 2015; LUSARDI, 2015; POTRICH et al., 2014; SANTOS, 2011; SEVERO, 2011; SILVEIRA, 2014).

Outro aspecto a ser considerado envolve os desdobramentos do conceito de educação financeira. Segundo Atkinson e Messy (2012), a alfabetização financeira é a combinação de consciência, conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para a tomada de decisão que maximize o bem estar financeiro individual. Para Huston (2010), a educação financeira envolve o desenvolvimento de habilidades necessárias para promover a tomada de decisão enquanto que a alfabetização financeira envolve a aplicação destes conhecimentos e habilidades adquiridos.

O conceito de alfabetização financeira trata-se de um desdobramento da educação financeira. Envolve não somente o simples repasse de conhecimento, mas também a aplicação prática destes preceitos no cotidiano dos cidadãos, implicando na adequação de hábitos e comportamentos. Por tal razão, o presente estudo terá como foco a alfabetização financeira, compreendendo o conhecimento, o comportamento e as atitudes financeiras.

Levando em consideração os argumentos colocados, percebe-se a existência de uma lacuna educacional, com implicações que comprometem a segurança financeira dos indivíduos. As consequências desta lacuna são sentidas quando os jovens saem da fase escolar, ingressam no mercado de trabalho e são lançados ao consumo. E no Brasil, dadas as restrições de oferta de emprego às pessoas com pouca experiência profissional, para muitos jovens, o serviço militar obrigatório pode ser uma alternativa de entrada no mercado de trabalho e inclusão financeira.

Os estímulos para ingressar no serviço militar são diversos. Mesmo tratando-se de uma obrigação constitucional e não um trabalho assalariado propriamente dito, todos os anos, milhares de brasileiros cumprem este dever cívico, por vezes buscando nas Forças Armadas sua primeira fonte de renda. Além disso, os pais destes jovens agem como incentivadores ao

ingresso no serviço militar, procurando complementar a formação moral de seus filhos. Para eles, o quartel é uma forma de condicionar seus filhos para a vida em sociedade e torná-los mais disciplinados, ordeiros e responsáveis (KUHLMANN, 2001). Para as classes menos favorecidas, o serviço militar é uma oportunidade para o aprimoramento técnico-profissional. Desta forma, ao retornarem à vida civil, estes cidadãos terão mais condições de competir no mercado de trabalho (LEAL, 2008). Aparentemente, a missão constitucional das Forças Armadas, ou seja, a de realizar a defesa da Pátria, garantir os poderes constitucionais e a lei e a ordem (BRASIL, 1988), estaria encobrendo outra função, a de formar cidadãos de fortes convicções éticas, com maior consciência de seu papel na sociedade (LEAL, 2008).

Considerando que o Exército Brasileiro possui o maior efetivo entre as três Forças (Exército, Marinha e Aeronáutica), com o maior percentual de conscritos, ou seja, militares que retornarão à vida civil após o cumprimento do serviço militar obrigatório; e que comportamentos financeiros adequados trazem benefícios para o indivíduo e para sociedade, parece pertinente identificar o nível de alfabetização financeira de jovens ingressantes no mercado de consumo. Desta forma, o presente estudo possui a finalidade de responder ao seguinte questionamento: **Qual o grau de alfabetização financeira dos militares de uma Organização Militar da fronteira gaúcha?**

Para entender as diferenças entre a alfabetização financeira dos militares que cumprem o serviço militar obrigatório, que recebem a denominação de Efetivo Variável (EV) e os militares que optaram por permanecer no serviço ativo, bem como os profissionais oriundos das escolas de formação do Exército, optou-se por estender a pesquisa a estes últimos, não investigando exclusivamente o Efetivo Variável.

Diante disso, foi definido um objetivo geral, sendo este o de estimar o nível de alfabetização financeira dos militares de uma Organização Militar da fronteira gaúcha. Para atingir este propósito, especificamente pretende-se identificar o grau de conhecimentos financeiros, o grau de comportamentos financeiros e o grau de atitudes financeiras dos militares desta Organização Militar, comparando estes atributos por nível hierárquico e por variáveis sociodemográficas.

Embora tenham sido elaboradas pesquisas buscando verificar o nível de alfabetização financeira de diversas camadas da sociedade, são raros os estudos em que o

tema tenha sido tratado no âmbito das Forças Armadas. Além disso, estudar estes aspectos pode trazer benefícios que permitiriam entender e corrigir comportamentos inadequados.

A unidade de análise será uma Organização Militar da fronteira gaúcha em virtude do acesso do pesquisador às unidades amostrais. Espera-se que a pesquisa sirva para aprimorar a gestão das finanças pessoais no universo estudado, podendo servir como base para futuros trabalhos sobre o tema.

1.1. Estrutura do trabalho

O presente estudo organiza-se em seis capítulos, incluindo a Seção 1 que trouxe uma ambientação ao assunto, com menção ao problema de pesquisa e aos objetivos que se pretendem alcançar. A seção 2 compreende uma revisão da teoria relacionada ao tema de pesquisa, de forma que os conceitos que serão abordados possam ser apresentados. Na mesma seção, faz-se referência a trabalhos publicados anteriormente, permitindo uma avaliação das contribuições empíricas. A seção 3 discute o método de pesquisa, classificando o estudo de acordo com a metodologia utilizada. Ademais, este tópico expõe a técnica de coleta de dados, bem como seus instrumentos de análise. Em seguida, tem-se a Seção 4, com a análise e discussão dos dados coletados. Por fim, a Seção 5 expõe as considerações finais sobre o estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, serão expostas as contribuições teóricas que embasaram a condução da presente pesquisa. A Seção 2.1 discute o conceito de educação financeira, apresenta uma breve discussão sobre a efetividade da mesma e discute os fatores que a influenciam. Na Seção 2.2, tem-se uma breve contextualização sobre a formação do conceito de alfabetização financeira e em seguida apresentam-se os fatores que influenciam a formação de seus níveis.

2.1. Educação Financeira

Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OECD, por sua sigla em inglês – (2005), educação financeira pode ser definida como o processo pelo qual os indivíduos incrementam sua compreensão sobre produtos e conceitos financeiros através de informação, instrução e aconselhamento, ao passo que desenvolvem habilidades e ganham confiança para tomar decisões mais embasadas, com ciência dos riscos e das oportunidades envolvidas, dentre outras ações que maximizem o seu bem-estar financeiro.

Nota-se que o conceito de educação financeira se aproxima ao de proteção do consumidor, uma vez que ambos possuem objetivos comuns, ou seja, o bem-estar financeiro dos indivíduos. A diferença entre os dois aspectos está na forma de atingir este objetivo. Enquanto as políticas de proteção ao consumidor focam a criação de dispositivos legais e o estabelecimento de padrões mínimos de qualidade, a educação financeira suplementa as informações básicas que dispõe os indivíduos através de instrução. A ideia por trás da educação financeira é formar cidadãos capazes de planejar melhor suas ações e honrar seus compromissos financeiros (OECD, 2005).

O que se pode observar, é que há um consenso que o processo de apreender informações para gestão eficiente das finanças pessoais tornou-se uma necessidade, derivada de vários fatores. Empregadores e governos têm transferido gradativamente a responsabilidade de poupar e investir aos indivíduos. A redução das pensões suportadas pelo

Estado, tendência verificada em muitos países, faz com que as famílias tenham que adiar decisões de consumo com a finalidade de prover a própria segurança financeira no futuro. Além disso, o crescimento da expectativa de vida exige que a reserva financeira criada com este comportamento seja suficiente para atender longos períodos. Essa nova realidade demanda habilidades e conhecimentos adequados para administrar esse nível de responsabilidade individual (LUSARDI, 2015).

Em várias localidades, é crescente a preocupação como nível de capacidades financeiras dos consumidores e algumas entidades buscam empreender iniciativas para resolver essa problemática. Da mesma forma, cresce o número de governos desenvolvendo estratégias de âmbito nacional para fomentar as capacidades financeiras de seus habitantes (KEMPSON, 2009).

Neste sentido, a OECD iniciou seu projeto de educação financeira em 2003, em resposta à necessidade verificada por vários países. No Brasil, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) foi implantada no ano de 2010, buscando “promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores” (BRASIL, 2010). Trata-se de uma estratégia que compreende os esforços de entidades públicas e privadas para difundir conhecimentos financeiros para diversas camadas da população.

Uma das políticas da ENEF é oferecer educação financeira nos currículos escolares. Em 2010, um programa piloto conduzido em 891 escolas de seis estados buscou verificar a efetividade dessa política antes de aplicá-la a nível nacional. Seguindo as recomendações da OECD, a iniciativa brasileira se deu após a avaliação das necessidades do público-alvo. As pesquisas conduzidas indicavam que uma parcela significativa da população possuía deficiências na gestão das finanças pessoais, com baixos níveis de poupança e investimento em relação ao consumo. Estas conclusões determinaram um programa com ênfase na gestão financeira pessoal e no impacto das ações individuais na economia (GARCÍA *et al.*, 2013). A experiência brasileira atesta que um programa de educação financeira não deve ter caráter apenas informativo. Deve-se guiar os indivíduos para que estes consumam, poupem e invistam de maneira responsável e consciente, criando assim uma base sólida para o desenvolvimento do país.

Contudo, apesar da existência de uma política pública de fomento à educação financeira, persiste no nosso meio um hiato de conhecimentos financeiros. Historicamente, o descontrole inflacionário e as grandes variações monetárias e cambiais foram características marcantes da economia brasileira. Esta conjuntura dificultava o planejamento financeiro das famílias e as decisões tomadas tinham o curto prazo como prioridade. Este ambiente desfavorável, que prevaleceu por décadas, é uma hipótese para o atraso da preocupação com a educação financeira no país (OLIVEIRA, 2012). Para Severo (2011), existe um consenso que os estabelecimentos de ensino não atuam como agentes de promoção da educação financeira. Da mesma forma, o papel das famílias é limitado, especialmente quando existem relatos que afirmam que a fonte de aprendizado da gestão financeira pessoal é a simples atividade de tentativa e erro.

Ao encontro desta posição, Fernandes e Candido (2014) afirmam que o despreparo das gerações mais novas em tratar com as finanças pessoais faz com que essa camada da população apresente proporção maior de endividados em comparação com seus ascendentes familiares. Um ambiente orientado para o consumo, com carências de educação financeira nas bases escolares, resulta em “cidadãos despreparados para lidar com o lado financeiro da vida adulta” (FERNANDES; CANDIDO, 2014, p. 912).

2.1.1. Efetividade da educação financeira

A efetividade com que a educação financeira promove mudança no comportamento dos indivíduos foi questionada por Fernandes, Lynch Jr. e Netemayer (2014). Segundo os autores, as ações de educação financeira realizadas por organizações de várias localidades do mundo não produziram efeitos significativos no comportamento financeiro das pessoas. Por conseguinte, os investimentos realizados por estas organizações se mostram como custos de oportunidade, uma vez que os recursos financeiros utilizados poderiam ser empregados em ações mais eficientes.

Fernandes, Lynch Jr. e Netemayer (2014) afirmam que, assim como outras formas de educação, os efeitos no comportamento de indivíduos educados financeiramente tende a decair com o tempo. Além disso, atribuem o conhecimento financeiro como causa da

alteração no comportamento financeiro das pessoas, ou seja, o foco das políticas e das ações de educação financeira não deveria ser o de instruir conceitos, mas sim de repassar habilidades. Neste sentido, os autores sugerem um estreitamento da educação financeira, conduzida para comportamentos específicos a serem aprimorados, em momento próximo à tomada de decisão financeira.

Contrapondo esta conclusão, Brown *et al.* (2014) revela que os programas de educação financeira causaram efeitos positivos subsequentes no que tange o comportamento de crédito e inadimplência. Três anos após a implementação de programas rígidos de educação financeira, os participantes demonstravam maior pontuação de crédito e taxas de inadimplência mais baixas em seus empréstimos.

Segundo o Banco Central do Brasil (2015), os resultados da pesquisa de Fernandes, Lynch Jr. E Netemayer (2014) significam que os programas de educação financeira deveriam ter abordagem mais incisiva, duradoura, focada em comportamentos e habilidades, com incentivos motivacionais para que as pessoas se interessem pelos treinamentos. Assim, as mudanças nos hábitos dos participantes de programas desta natureza perdurariam por longos períodos.

“Nesse sentido, [...] é preciso mais educação financeira, de forma continuada e criativa, para afetar as habilidades dos cidadãos de fazerem escolhas conscientes e comprometidas com suas próprias metas e seus sonhos e que, assim, possam alcançar uma vida mais autônoma a partir do uso de seus recursos financeiros de forma mais racional e cuidadosa” (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2015, p.10).

Este posicionamento está de acordo com o que propõe Martin (2007), que afirma que uma abordagem de educação financeira adaptada às necessidades do público-alvo, focada em comportamentos e em habilidades específicas, é mais eficiente que programas que cobrem aspectos gerais da gestão financeira pessoal. Ponderando a existência de uma relação direta entre conhecimentos e comportamentos, o autor aponta que um programa de educação financeira bem estruturado, com foco nas necessidades dos cidadãos e no desenvolvimento de comportamentos e habilidades, pode ser favorável para indivíduo e sociedade.

2.1.2. Determinantes da educação financeira

Acorda-se sobre a existência de uma lacuna de educação financeira no campo de conhecimentos dos indivíduos. Assim sendo, alguns estudos procuraram assinalar os fatores que colaboram para um maior ou menor nível de educação financeira, em diferentes estratos populacionais.

No contexto internacional Chen e Volpe (1998) identificaram que discentes de 14 campi universitários norte-americanos não possuíam conhecimentos adequados em finanças pessoais. Os autores assumem que um dos motivos para esse quadro é a falta sistemática deste tema nos currículos escolares.

Paralelamente, Chen e Volpe (1998) relacionam outros fatores que determinam o baixo desempenho nas finanças pessoais do público pesquisado. Neste sentido, viu-se que os jovens adultos, com idade inferior a 30 anos, tendem a ser menos educados financeiramente. Isto porque nesta fase da vida, a maior parte de seus rendimentos é gasta com o consumo, em detrimento de investimentos, havendo de se considerar o fato de os estudantes obterem pontuações mais positivas em aspectos que lhes são familiares. De tal modo, a idade é apontada como fator de influência no grau de educação financeira dos indivíduos.

As descobertas também sugerem que participantes com diferentes níveis de escolaridade possuem diferentes níveis de conhecimentos financeiros, em proporção direta. Em termos de experiência profissional, constatou-se que trabalhadores com mais anos de serviço possuem maior conhecimento em finanças pessoais do que aqueles com menor vivência no trabalho. Da mesma maneira, respondentes com maior renda pessoal responderam as questões corretamente com maior frequência do que os participantes de menor renda (CHEN; VOLPE, 1998).

Em adição, constatou-se que determinadas características demográficas exercem influência no nível de conhecimentos financeiros dos participantes. Um exemplo disso, é a porcentagem de respostas corretas do público feminino ter sido ligeiramente inferior à porcentagem de acertos do público masculino. (CHEN; VOLPE, 1988).

As implicações da deficiência de conhecimentos financeiros se refletem nas opiniões, nas tomadas de decisão e no comportamento dos indivíduos. Chen e Volpe (1998)

sugerem que o nível de educação financeira tende a influenciar as opiniões dos indivíduos e afetar as suas decisões, limitando a habilidade de tomar decisões financeiras acertadas.

Trazendo esta análise para o contexto brasileiro, Lucena e Marinho (2013) verificaram que estudantes de nível médio apresentam baixo desempenho em educação financeira, que segundo os autores, decorre da omissão deste conteúdo em sala de aula. No entanto, Lopes Júnior, Peleias e Savoia (2015) comprovam que mesmo jovens que cursam o nível superior possuem deficiências de conhecimentos financeiros. Amado (2011) converge no mesmo sentido ao afirmar que os conhecimentos financeiros de jovens ingressantes no ensino superior restringem-se a termos mais básicos, sendo que a família é a principal fonte deste conhecimento.

Esta deficiência é atenuada quando se trata de alunos matriculados em cursos que preveem disciplinas de finanças em suas grades curriculares, pois isso tende a tornar os indivíduos mais preparados para administrar seus proventos (LOPES JÚNIOR, PELEIAS, SAVOIA, 2015). Para Amado (2011), os acadêmicos de administração se sentem mais seguros em relação aos seus níveis de conhecimentos financeiros por estarem familiarizados com aspectos da gestão financeira pessoal. Não obstante, Potrich *et al.* (2014) contrariam estas constatações, uma vez que identificaram um nível intermediário de educação financeira em uma amostra na qual 82,10% dos respondentes estavam matriculados em graduações que contavam com disciplinas que abordam a gestão financeira em suas grades curriculares.

Com relação à influência do gênero no nível de educação financeira, Lopes Júnior, Peleias e Savoia (2015) apuraram que as mulheres tiveram desempenho inferior no tocante aos conhecimentos financeiros, o que pode ser uma sequela da segregação de gêneros existente na nossa sociedade por anos, que impedia o acesso das mulheres às mesmas oportunidades de formação intelectual e profissional que provia aos homens. Michels (2015) também destaca que as mulheres têm desempenho inferior aos homens em finanças pessoais, acrescentando que os níveis da renda e da educação financeira têm relação de proporção direta.

Demonstrando a relação direta existente entre o nível de educação financeira e as variáveis socioeconômicas e demográficas, Potrich *et al.* (2014, p. 123) aponta que os indivíduos com maior nível de educação financeira “pertencem ao gênero masculino, são solteiros, não possuem dependentes, são estudantes e/ou bolsistas, com um maior nível de

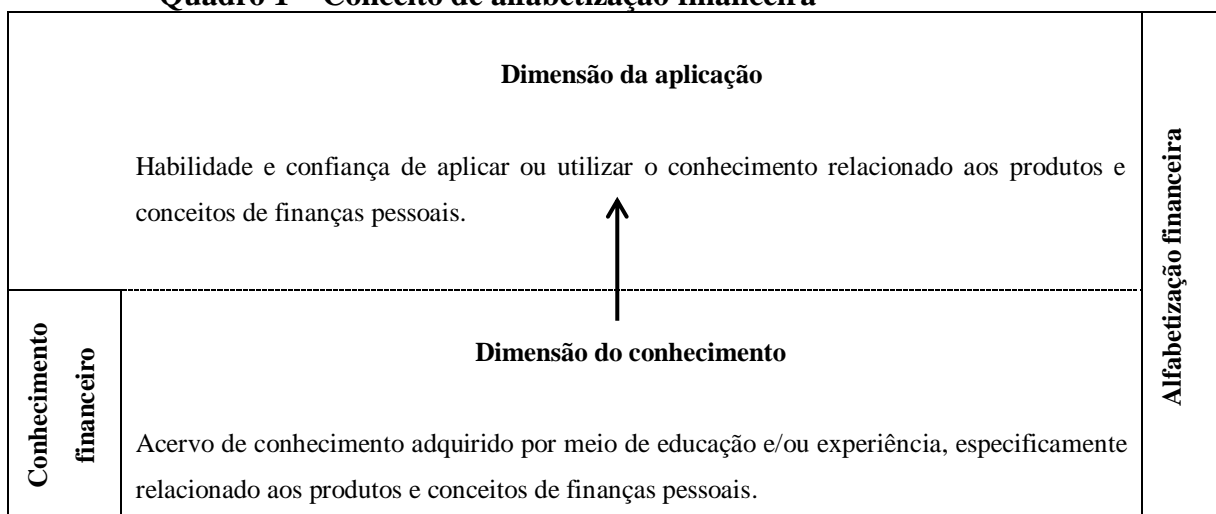
escolaridade, tanto seu, quanto dos seus pais e possuem as maiores faixas de renda própria e familiar [...]”.

Dias (2013), por sua vez, desconsidera que as variáveis renda e nível de formação tenham relação direta com o grau de educação financeira. Para o autor, a maior ou menor orientação ao consumo e propensão ao endividamento irá definir a situação financeira do indivíduo.

2.2. Alfabetização Financeira

Segundo Huston (2010), os termos conhecimento, educação e alfabetização financeiras vêm sendo utilizados como sinônimos na literatura e na mídia popular, sendo que poucos pesquisadores procuraram definir estes conceitos ou diferenciá-los. No entanto, usar estes termos de forma intercambiável pode ocasionar problemas, porque, segundo a autora, a falta de um construto bem definido se mostrou uma limitação em pesquisas que abordaram o tema. Sendo assim, Huston (2010) aponta que a alfabetização financeira possui duas dimensões: o conhecimento e a aplicação. Esta diferenciação entre os dois conceitos pode ser mais bem compreendida por meio do Quadro 1, onde vê-se o conceito de alfabetização financeira ultrapassa o de educação financeira, pois aquele considera o quão bem o indivíduo pode entender e aplicar as informações relacionadas às finanças pessoais:

Quadro 1 – Conceito de alfabetização financeira



Fonte: Huston (2010)

Apesar da evolução de construtos, Huston (2010) alerta para a existência de outros fatores que influenciam o bem-estar financeiro, como os vieses cognitivos, os problemas de autocontrole, as influências familiares e culturais e a situação econômica. Desta forma, uma pessoa financeiramente alfabetizada pode não reproduzir comportamentos adequados e não alcançar o bem-estar financeiro devido à influência destes fatores.

Para Hung, Parker e Yoong (2009) existe uma relação de dependência entre conhecimentos financeiros, conhecimentos financeiros percebidos, habilidades financeiras e comportamento financeiro. Nesta relação, o comportamento financeiro dependerá dos outros três fatores e do meio externo gerando experiências. Estas experiências retroalimentarão o campo de conhecimentos pessoais. Sendo assim, os autores definem a alfabetização financeira como a capacidade de aplicação de conhecimentos em finanças, aliada a outras habilidades, para gerir recursos com eficácia, promovendo o bem-estar financeiro próprio.

Moore (2003) reforça o caráter prático do conceito de alfabetização financeira. Para a autora, os indivíduos financeiramente alfabetizados possuem competência para aplicar o conhecimento adquirido, pois o processo de alfabetização envolve-se pela experiência prática e integração ativa do conhecimento.

O conceito de Atkinson e Messy (2012) vem sendo utilizado como base para o desenvolvimento de estudos recentes sobre finanças pessoais. O autor define a alfabetização financeira como uma combinação de consciência, conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para a tomada de decisões financeiras sólidas que maximizem o bem-estar financeiro individual.

Quanto a esta definição, Lusardi (2015 p. 642) esclarece que:

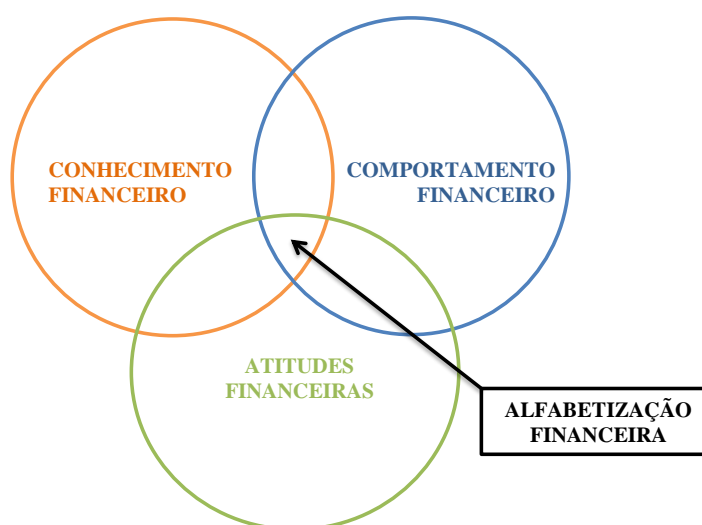
“Existem quatro aspectos inovadores nesta definição que deveriam ser realçados. Primeiro, a alfabetização financeira não se refere simplesmente ao conhecimento e compreensão, mas também ao seu propósito – que é promover a eficiência na tomada de decisão. Segundo, o objetivo da alfabetização financeira é melhorar o bem-estar financeiro, não afetar um único comportamento, como aumentar a poupança ou diminuir a dívida. Terceiro, a alfabetização financeira produz efeitos não só individuais, mas também para a sociedade. Quarto, a alfabetização financeira, assim como leitura, escrita e conhecimento da ciência, possibilita que os jovens participem na vida econômica” (LUSARDI, 2015 p. 642, tradução nossa).

Conclui-se que a educação financeira é um meio para aprimorar o bem-estar financeiro do indivíduo, mas demanda adequações comportamentais para garanti-lo. Uma vez

que comportamentos nocivos sejam corrigidos, o indivíduo terá participação plena na vida econômica, trazendo resultados positivos para si e para a sociedade. Neste ponto, o indivíduo será considerado financeiramente alfabetizado.

Embasada naquele constructo, a OECD (2013) dividiu a alfabetização financeira em três dimensões, sendo elas, o conhecimento financeiro, o comportamento financeiro e a atitude financeira, conforme se verifica na Figura 1:

Figura 1 – Componentes da alfabetização financeira



Fonte: Elaborado pelo autor

A divisão da OECD (2013) está de acordo com o que propõe Atkinson e Messy (2012), que consideram que mensurar a alfabetização financeira exige que os elementos conhecimento, comportamento e atitudes financeiras sejam enfatizados. Atkinson e Messy (2012) atestam a existência de uma associação entre conhecimento e comportamento, pois o acréscimo no nível do primeiro aspecto ocasiona aprimoramento do último. Apesar de não ser comprovada a causa específica da alteração destes comportamentos, demandando pesquisas mais aprofundadas para tanto, acredita-se que à medida que o indivíduo adquire conhecimento, ele se torna mais participativo nos mercados financeiros. Deste modo, ocorre um crescimento mútuo entre os dois elementos. Da mesma forma, afirma-se que pessoas com atitude financeira que consideram o longo prazo em suas decisões são mais tendentes a exibir

comportamentos financeiros adequados do que aqueles que priorizam o curto prazo (ATKINSON; MESSY, 2012).

Delavande, Rohwedder e Willis (2008) tratam o conhecimento financeiro como uma espécie de capital humano. Adquiri-lo pode ser considerado um investimento, pois possibilita que as famílias aprimorem certas habilidades ao passo que obtém taxa de retorno superior em seus ativos, mantendo o risco constante.

O comportamento é um componente essencial da alfabetização financeira, sendo considerado o mais importante. Refere-se aos hábitos que conduzem a resultados positivos ou negativos na gestão financeira pessoal (ATKINSON; MESSY, 2012).

Por fim, as atitudes financeiras dizem respeito às preferências individuais, no que tange as prioridades de emprego de recursos – se possuem foco imediatista ou se consideram o longo prazo (OECD, 2013).

2.2.1. Determinantes da alfabetização financeira

Tendo em vista a recente importância dada ao tema, os debates sobre a alfabetização financeira têm crescido no meio acadêmico, empresarial e governamental. Por conta disso, é crescente o número de estudos que se propuseram a mensurar o nível de alfabetização financeira, permitindo que as iniciativas de fomento sejam mais embasadas, com alinhamento às necessidades populacionais. De tal modo, foram sendo determinadas associações entre os níveis de alfabetização financeira e variáveis socioeconômicas e demográficas. Os principais determinantes da alfabetização financeira citados na literatura são o gênero, a renda, a idade, o estado civil, a escolaridade e formação, o fato de possuir dependentes, o grupo étnico ou racial a qual pertence o indivíduo e a ocupação.

Um dos estudos que revela o panorama da alfabetização financeira a nível global é o conduzido pelo PISA em 2012. O programa iniciado em 2000 buscava compreender se os jovens que estão no término da educação compulsória teriam adquirido o conhecimento e as habilidades necessárias para a plena participação na sociedade. Para tanto, eram abordadas três áreas do conhecimento: matemática, leitura e ciências. Considerando os objetivos do programa, em 2012 a pesquisa passou a incluir, de forma opcional, a alfabetização financeira

em suas avaliações, sendo o primeiro estudo em escala internacional a mensurar estes aspectos com jovens em idade escolar. A avaliação opcional foi realizada em 18 países, sendo composta de questões de múltipla escolha e discursivas com níveis variados de dificuldade, incluindo, em alguns pontos, termos complexos do mercado financeiro. Os resultados são mensurados em uma escala de cinco pontos para definir o nível de proficiência financeira. Estudantes que atingiram o nível um são considerados analfabetos financeiros. O nível dois foi definido como o padrão mínimo (LUSARDI, 2015).

Conforme comentado em seção anterior, a Colômbia apresentou o pior desempenho dentre os países avaliados, com 56% dos estudantes abaixo do padrão mínimo. Ademais, verificou-se que em outros dez países, mais de 15% dos estudantes atingiram grau inferior ao padrão de proficiência, incluindo Estados Unidos (18%), França (19%) e Itália (22%). Para Lusardi (2015), viver em um país desenvolvido economicamente, com PIB per capita elevado, não causa impacto direto no nível de alfabetização financeira de jovens em idade escolar. Para a autora, este fato demonstra a importância do sistema de ensino na formação das capacidades dos indivíduos. A alfabetização financeira não se dá pela simples absorção das características do meio; mas pelos componentes curriculares das instituições de ensino. A hereditariedade de experiências práticas relacionadas à gestão financeira pessoal no meio familiar também se mostra ineficiente.

A pesquisa também demonstrou que o nível de alfabetização financeira tem relação com a classe social e com a renda. Em todos os países avaliados, os estudantes advindos de classes mais abastadas tiveram desempenho superior. Lusardi (2015) considera que as disparidades verificadas revelam a importância de prover acesso e oportunidades iguais às diferentes classes sociais, acrescentando que estas diferenças determinadas pelo status socioeconômico tendem a ser repassadas às gerações seguintes. Assim, as políticas de intervenção deveriam visar os estudantes em desvantagem social, para que as implicações negativas decorrentes da baixa alfabetização financeira fossem minimizadas no futuro.

Percebe-se que aqueles que apresentam os níveis mais altos de renda própria e familiar são mais tendentes a possuir níveis altos de alfabetização financeira (ATKINSON; MESSY, 2012; BROWN; GRAF, 2013; DELAVANDE; ROHWEDDER; WILLIS, 2008; MOTTOLA, 2012; POTRICH; VIEIRA; PARABONI, 2013; POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2014). Entretanto, Monticone (2010) ressalta que a renda tem um efeito positivo, porém

pequeno, no grau de conhecimentos financeiros. Isso se deve às maiores possibilidades de investimento em educação que a parcela mais rica da população possui. Considerando o caráter prático da alfabetização financeira, o afastamento dos produtos financeiros disponíveis tende a originar certa alienação de conhecimentos por parte da população.

O gênero também vem sendo apontado como fator de influência no nível de alfabetização financeira, sendo os maiores níveis atribuídos ao público masculino (ATKINSON; MESSY, 2012; BROWN; GRAF, 2013; DELAVANDE; ROHWEDDER; WILLIS, 2008; POTRICH; POTRICH; PARABONI, 2013; POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2014; SCHERESBERG, 2013).

Mottola (2012) salienta que mulheres com baixos níveis de alfabetização financeira são mais predispostas a se comprometer em comportamentos onerosos no uso de cartão de crédito, quando comparadas aos homens. Contudo, não existem diferenças nos comportamentos de homens e mulheres com alto grau de alfabetização financeira. O autor acredita que aprimorar a alfabetização financeira pode gerar igual aprimoramento na gestão de cartões de crédito, reduzindo as diferenças de gênero neste processo.

Agarwala *et al.* (2012) buscaram identificar o nível de alfabetização financeira de três grupos sociodemográficos indianos: estudantes, trabalhadores e aposentados. Os autores observaram que na dimensão do conhecimento, o desempenho destes grupos está aquém dos padrões internacionais. Princípios básicos da gestão financeira pessoal não são bem compreendidos e como a maioria das decisões envolve tais conceitos, a lacuna de conhecimentos se torna um problema grave. As dimensões territoriais, as desigualdades e a pluralidade cultural da Índia dificultam maiores generalizações, mas da mesma forma que outros estudos na mesma área, viu-se que o conhecimento dos homens é ligeiramente superior aos das mulheres. Entretanto, o comportamento e as atitudes financeiras dos indianos mostraram-se positivos. Neste ponto, inverte-se o papel do gênero, pois as mulheres mostram desempenho superior ao dos homens.

A variação de resultados entre os diversos países em que estas pesquisas foram aplicadas sugerem que aspectos culturais da relação do indivíduo com o dinheiro também podem influenciar o nível de alfabetização financeira. As diferenças entre o grau de alfabetização financeira do público masculino e feminino podem ser decorrentes do papel da

mulher e do homem em determinada sociedade, não de fatores genéticos intrínsecos aos dois gêneros, pois as diferenças não são uniformes ao redor do globo.

No contexto local, Campara e Ceretta (2015) apontam que os habitantes da mesorregião centro ocidental rio-grandense possuem atitudes financeiras positivas. O fator mais preocupante é a influência da renda na atitude ao endividamento, pois segundo os autores, existe uma relação de proporção inversa nestes dois aspectos. Com isso, salienta-se a necessidade de enfatizar o desenvolvimento de programas de gestão financeira pessoal para aqueles com maior restrição orçamentária.

No que se refere à influência da idade no nível de alfabetização financeira, Brown e Graf (2013) afirmam que em média, os jovens são menos alfabetizados que o restante da população, uma vez que possuem conhecimento sobre alguns aspectos e sobre outros não. Delavande, Rohwedder e Willis (2008) encontraram os maiores níveis de alfabetização financeira em adultos de meia idade. O mesmo foi constatado por Atkinson e Messy (2012). Em contrapartida, Finke, Howe e Huston (2011) afirmam que os níveis de alfabetização financeira tendem a decair com o avanço da idade. pois o envelhecimento aumenta a autoconfiança na tomada de decisões financeiras, o que expõe esta faixa etária a decisões enviesadas.

Outra variável associada à alfabetização financeira é a escolaridade. Delavande, Rohwedder e Willis (2008), Atkinson e Messy (2012), Brown e Graf (2013), Agarwala *et al.* (2012) e Potrich, Vieira e Kirch (2014) identificaram que os maiores níveis de alfabetização financeira são difundidos entre os habitantes de maior escolaridade. Para Potrich, Vieira e Paraboni (2013), os que possuem algum tipo de formação em finanças na sua graduação apresentam maior competência em administrar seus recursos. Contrariando estas afirmações, Scheresberg (2013) encontrou baixos níveis de alfabetização financeira em amostras com alto grau de instrução. Ainda assim, o autor concorda com a existência de relação positiva entre a alfabetização financeira e a educação, visto que altos níveis de conhecimento em finanças pessoais ou de confiança em matemática levam a comportamentos financeiros adequados.

Outra variável citada como determinantes da alfabetização financeira é o estado civil, com os casados apresentando desempenho superior aos solteiros (AGARWALA *et al.*, 2012; BROWN; GRAF, 2013). Quanto ao ambiente no qual o indivíduo está inserido, Agarwala *et al.* (2012) aponta que os habitantes de regiões rurais são mais propensos a deter

conhecimentos financeiros limitados. Potrich, Vieira e Kirch (2014) constataram que aqueles que não possuem dependentes são os que apresentam maiores propensões a possuir alto grau de alfabetização financeira. O mesmo é dito de funcionários públicos (POTRICH; VIEIRA; PARABONI, 2013).

O Quadro 2 sintetiza as relações entre as principais variáveis socioeconômicas e demográficas e o grau de educação/alfabetização financeira, conforme consta na literatura. Como alguns estudos utilizaram os termos educação e alfabetização como sinônimos, as relações são consolidadas em um único quadro:

Quadro 2 – Relação entre variáveis socioeconômicas e educação/alfabetização financeira

Variáveis	Relação com a educação/alfabetização financeira	Autores
Renda	Quanto maior a renda, maior o nível de educação/alfabetização financeira.	Atkinson e Messy (2012); Brown e Graf (2013); Chen e Volpe (1998); Delavande, Rohwedder e Willis (2008); Lusardi (2015); Michels (2015); Mottola (2012); Potrich, Vieira e Paraboni (2013); Potrich, Vieira e Kirch (2014);
	A renda possui efeito positivo, porém pequeno, no grau de conhecimentos financeiros.	Dias (2013); Monticone (2010);
Idade	Adultos com menos de 30 anos tendem a ser menos educados financeiramente;	Brown e Graf (2013); Chen e Volpe (1998);
	Adultos de meia idade possuem os maiores níveis de alfabetização financeira;	Atkinson e Messy (2012); Delavande, Rohwedder e Willis (2008);
	Nível de alfabetização financeira tende a cair a partir dos 60 anos;	Finke, Howe e Huston (2011).
Gênero	As mulheres geralmente apresentam menores níveis de educação/alfabetização do que os homens;	Agarwala <i>et al.</i> (2012); Atkinson e Messy (2012); Chen e Volpe (1998); Brown e Graf (2013); Delavande Rohwedder e Willis (2008); Lopes Júnior, Peleias e Savoia (2015); Michels (2015); Potrich, Vieira e Paraboni (2013); Potrich <i>et al.</i> (2014); Potrich, Vieira e Kirch (2014); Scheresberg (2013);
	As disparidades de gênero são minimizadas quando se trata de homens e mulheres com alto nível de alfabetização financeira;	Mottola (2012);
	Nas dimensões do comportamento e atitudes financeiras as mulheres mostram desempenho superior;	Agarwala <i>et al.</i> (2012)
	Homens são mais autoconfiantes em questões financeiras e possuem maior predisposição ao risco	Amado (2011); Lucena e Marinho (2013);
Estado civil	Solteiros possuem os maiores níveis de educação financeira;	Potrich <i>et al.</i> (2014)

	Casados possuem os maiores níveis de alfabetização financeira	Agarwala et al (2012); Brown e Graf (2013);
Escolaridade	Maior escolaridade está associada aos maiores níveis de conhecimentos financeiros	Agarwala <i>et al.</i> (2012); Atkinson e Messy (2012); Brown e Graf (2013); Chen e Volpe (1998); Delavande, Rohwedder e Willis (2008); Potrich <i>et al.</i> (2014); Potrich, Vieira e Kirch (2014);
	Nível de formação influencia de maneira sutil a educação financeira;	Dias (2013); Scheresberg (2013);
Ocupação	Funcionários públicos possuem maior propensão a possuir alto grau de alfabetização financeira	Potrich, Vieira e Kirch (2014);
Dependentes	Indivíduos com os maiores níveis de educação financeira não possuem dependentes	Potrich <i>et al.</i> (2014); Potrich Vieira e Kirch (2014);

Fonte: Adaptado de Potrich *et al.* (2014)

Pelo quadro 2, percebe-se que em alguns casos não há consenso entre os autores no que se refere aos determinantes da alfabetização financeira. Isto porque existe certa variabilidade de resultados, dependendo do contexto da aplicação das pesquisas. No geral, uma grande parcela da população demonstra dificuldades para aplicar conceitos de gestão financeira pessoal nas suas decisões diárias. Neste sentido, Lusardi (2015, p. 635) ressalta a importância de ser financeiramente alfabetizado:

“[...] assim como não é possível contribuir e prosperar em uma sociedade industrializada sem a alfabetização básica, ou seja, a habilidade de ler e escrever; não é possível navegar com sucesso no mundo de hoje sem ser alfabetizado financeiramente. A alfabetização financeira é de fato uma proficiência essencial para o século 21” (tradução nossa).

Uma vez abordadas as principais teorias relacionadas ao tema de estudo, passará a ser apresentada a metodologia a ser utilizada na aplicação da pesquisa.

3. MÉTODO

Gil (2010, p. 1) denomina a pesquisa como “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Buscou-se através do presente estudo, descortinar informações sobre o grau de alfabetização financeira dos militares de uma Organização Militar da fronteira gaúcha e para que os objetivos propostos fossem atingidos, fez-se necessário o cumprimento de etapas metodológicas.

Fachin (2006, p. 30) revela que o “método é a maneira de se proceder ao longo de um caminho”. Esse tópico tratará de expô-los, de forma que sejam identificadas as etapas operacionais cumpridas no desenrolar da pesquisa.

3.1. Tipo de pesquisa

Quanto ao objetivo geral, o presente estudo classifica-se como descritivo. Este tipo de pesquisa busca descrever as características de uma população ou fenômeno e estabelecer uma relação entre variáveis, dentre outros propósitos, utilizando-se de técnicas padronizadas para coleta de dados (MATTAR, 2008; GIL, 2010). Regido sob este conceito, o estudo buscou descrever o grau de alfabetização financeira dos militares alocados a uma Organização Militar da fronteira gaúcha, comparando os atributos que compõem o quadro geral por nível hierárquico e por variáveis sociodemográficas. Sendo assim, a pesquisa descritiva é a que mais se alinha com as finalidades deste estudo.

Visando aprofundar o conhecimento teórico sobre o tema, o estudo teve uma fase que pode ser classificada como pesquisa bibliográfica. Para Gil (2010) a pesquisa bibliográfica baseia-se em materiais já elaborados e é uma exigência a quase todos os estudos. O autor discorre que com tal metodologia, o pesquisador consegue alcançar uma ampla gama de fenômenos. Assim sendo, procurou-se investigar o fenômeno alfabetização financeira no contexto regional e internacional, com a finalidade de comparar os achados descritos na análise dos dados com pesquisas anteriormente realizadas.

A abordagem da pesquisa é de natureza quantitativa. Richardson (2012) discorre que a abordagem quantitativa, tal qual o nome sugere, faz uso da quantificação na coleta de informações e no seu tratamento, através de técnicas estatísticas. O autor avalia esta abordagem como mais adequada para garantir a precisão dos resultados, possibilitando conclusões bastante próximas da realidade do universo pesquisado. Para Marconi e Lakatos (2009), os estudos deste cunho são caracterizados pela precisão e controle estatístico. Considerando-se a intenção de se obter uma representatividade exata do grau de alfabetização financeira no universo pesquisado, a abordagem quantitativa apareceu como a alternativa adequada.

3.2. Método escolhido

Optou-se por empregar a *survey* como método para a pesquisa. Hair *et al.* (2005, p. 157) descreve que a *survey* “é um procedimento para coleta de dados primários a partir de indivíduos”. Gil (2010) considera que a *survey* é um método adequado para estudos descritivos e as pesquisas deste tipo possuem como característica a interrogação direta da população que se deseja obter informações. Em consonância, Severino (2007) afirma que o objeto deste tipo de pesquisa é abordado em seu ambiente próprio, de forma que a coleta dos dados ocorra em condições normais, sem intervenção ou manuseio por parte do pesquisador. Marconi e Lakatos (2010) complementam que esta metodologia caracteriza-se pelo uso de artifícios quantitativos tendo por objetivo a coleta de dados sobre populações ou amostras de populações. Assim, obter-se-ão as conclusões correspondentes aos dados coletados (GIL, 2010).

3.3. Técnica de coleta de dados

Segundo Hair *et al.* (2005, p. 96), “dados são informações registradas com a intenção de representar fatos”. Visando atender aos objetivos propostos, no desenvolvimento desta pesquisa utilizaram-se dados primários. Mesmo que os dados secundários representem

uma fonte econômica e rápida de informações (MALHOTRA, 2006), deixam a desejar quando se trata da especificidade dos mesmos. Apesar da disponibilidade de vasta literatura sobre a alfabetização financeira, poucas publicações abordam o tema no âmbito dos militares do Exército, o que justifica a opção por dados primários. Para Mattar (2008) dados primários são aqueles que não foram coletados previamente, estando de posse dos pesquisados. Neste estudo, os dados primários foram obtidos por meio da aplicação de questionários.

Gil (2010, p. 102) define o questionário como “um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo entrevistado”. O autor considera esta técnica como o meio mais rápido para obtenção de informações, acrescentando que os dados serão obtidos na visão dos pesquisados. Fachin (2006) analisa que o questionário é um instrumento de pesquisa acessível se comparado aos demais. Igualmente, o questionário serve tanto para descrever as características de determinado grupo social, quanto para medir variáveis (RICHARDSON, 2012).

O instrumento de coleta foi estruturado a partir de questões fechadas, tendo em vista a natureza quantitativa do estudo. Segundo Fachin (2006), questões fechadas são as que permitem ao pesquisado escolher a sua resposta dentre um conjunto de opções disponíveis, não dando condições do mesmo expressar-se livremente sobre o que está sendo perguntado. Dados os objetivos específicos do estudo, os militares da organização responderam a um questionário (apêndice 1) com 50 questões divididas em quatro blocos, construído conforme modelo de Potrich, Vieira e Kirch (2015).

O bloco I teve por objetivo identificar as atitudes financeiras e o bloco II mensurou os comportamentos financeiros dos entrevistados. Estas seções contam com questões do método *Likert*, com escala de cinco pontos. Na Seção I, quanto mais o respondente discorda das afirmações, melhores suas atitudes financeiras. Já na Seção II, quanto maior a frequência em que o respondente afirma reproduzir os comportamentos descritos, melhor o seu comportamento financeiro. O bloco III é composto por treze questões que visam determinar o conhecimento financeiro. Nesta seção, os respondentes foram classificados de acordo com a pontuação obtida, sendo que para cada acerto, foi computado um ponto. Aqueles que obtiveram pontuação inferior a 8, foram classificados como detentores de baixo nível de conhecimento financeiro. Os que alcançaram score entre 8 e 10 foram considerados como possuidores de nível intermediário de conhecimentos financeiros. Por fim,

os que atingiram pontuação superior a 10, foram considerados como portadores de alto nível de conhecimento financeiro, conforme adaptação da escala de Chen e Volpe (1998) realizada por Potrich, Vieira e Kirch (2014). O bloco IV conta com questões estruturadas e tem por finalidade traçar o perfil do público-alvo.

Após a definição do questionário, foi aplicado um pré-teste visando analisar cada uma das questões que o compõe. Segundo Malhotra (2006), o pré-teste consiste em uma aplicação prévia do questionário a uma pequena amostra de entrevistados, buscando identificar e eliminar possíveis problemas. Gil (2010, p.107) considera que o pré-teste “está centrado na avaliação dos instrumentos enquanto tais, visando garantir que meçam exatamente o que pretendem medir”. Sendo assim, o pré-teste foi aplicado a dez indivíduos representantes dos estratos amostrais. A estes, foi solicitado que dedicassem atenção especial à estrutura das questões, de forma que pudessem ser identificados aspectos falhos do questionário e/ou questões de difícil compreensão.

A aplicação do instrumento de coleta de dados deu-se *in loco*, sendo que os questionários foram entregues e recolhidos pessoalmente pelo pesquisador. Com este artifício, buscou-se garantir que os questionários fossem respondidos por quem de fato deveria respondê-los. Paralelamente, esta forma de aplicação pode ter contribuído para a redução de tendenciosidades, visto que a presença do pesquisador tende a inibir a interferência de terceiros nas opiniões expostas pelos pesquisados e aumentar o índice de respostas.

3.4. Universo da pesquisa e amostragem

Segundo Hair *et al.* (2005), um censo recolhe dados de todos os elementos de uma população. Em situações normais, nem sempre é possível ou viável extrair dados de um conjunto tão amplo. Assim sendo, extrai-se uma parcela representativa deste todo, que será denominada amostra. Marconi e Lakatos (2009) ponderam que o problema da amostragem é escolher uma porção que represente com fidelidade a população total. “Quando essa amostra é rigorosamente selecionada, os resultados obtidos (...) tendem a aproximar-se bastante dos que seriam obtidos caso fosse possível pesquisar todos os elementos do universo” (GIL, 2010, p. 109). Os métodos de amostragem classificam-se em probabilísticos ou não-probabilísticos.

Uma amostra probabilística deve ser formada por elementos da população que possuem a mesma probabilidade de ser escolhidos para compô-la (HAIR et al., 2005; LEVIN; FOX, 2004; MATTAR, 2008, RICHARDSON, 2012;). Os autores julgam que este método de amostragem é adequado para fazer inferências que servem para toda a população. Hair *et al.* (2005) ressaltam que para generalizar os resultados encontrados a partir dos dados da amostra, esta deve ter tamanho apropriado, além de refletir as características da população. Desta forma, minimizam-se os erros decorrentes da amostragem.

A população alvo do presente estudo foi composta por militares alocados à Organização Militar analisada, sendo estes os possuidores das informações que o estudo pretendia coletar. A estrutura de amostragem, que de acordo com Hair *et al.* (2005) é uma lista dos elementos de onde a amostra é retirada, constituiu-se da lista interna de servidores daquela Organização Militar. Esta listagem foi obtida junto à Seção de Pessoal e teve sua última atualização em 16 de maio de 2016.

O método de amostragem foi escolhido em observância à natureza e aos propósitos do estudo. Apreciando-se tais aspectos, optou-se pelo método de amostragem estratificado proporcional. Segundo Hair *et al.* (2005, p. 243), esta abordagem “exige que o pesquisador divida a população alvo em subgrupos relativamente homogêneos distintos e não sobrepostos chamados estratos”. Malhotra (2006) destaca que com o uso da amostragem estratificada, aumenta-se a precisão, mantendo os custos constantes.

Em vista disso, optou-se por dividir a população-alvo por nível hierárquico, que é distinção usual no âmbito do Exército. Os elementos da amostra estratificada foram selecionados por meio de amostras aleatórias simples a partir dos estratos. A definição do tamanho da amostra fundamenta-se na aplicação de expressões abaixo discriminadas, conforme apresentado por Barbetta (2002):

$$n_0 = \frac{1}{E_0^2}$$

Como o tamanho da população é conhecido, a fórmula anterior é corrigida por:

$$n = \frac{N \cdot n_0}{N + n_0}$$

Onde:

n_0 = uma primeira aproximação para o tamanho da amostra

n = tamanho da amostra

N = tamanho da população

E_0 = erro amostral tolerável

Para aplicação da equação, admitiu-se um erro amostral de 5% e população de 174 militares.

Calculando:

$$n_0 = \frac{1}{0,05^2}$$

$$n_0 = 400$$

$$n = \frac{(174 \cdot 400)}{(174 + 400)}$$

$$n = 121$$

Com o tamanho da amostra estabelecido, partiu-se para a demarcação do tamanho proporcional da amostra de cada estrato. O quadro 3 resume esta computação:

Quadro 3 – Cálculo do tamanho da amostra por estrato

Posto/Graduação	Proporção de elementos no estrato	Operação	Amostra por estrato
Oficiais	8,04 %	8,04 % de 121	10
Subtenentes e Sargentos	14,94 %	14,94 % de 121	18
Cabos e Soldados	36,20 %	36,20 % de 121	44
Efetivo Variável	40,80 %	40,80 % de 121	49
Total	100%	-	121

Fonte: adaptado de Hair (2010)

Conforme apresentado no Quadro 3, o cálculo das amostras estratificadas empregou a proporção percentual de cada estrato na população. Destarte, a amostra total foi distribuída de acordo com a representatividade de cada nível hierárquico no total efetivo Organização Militar.

3.5. Técnica de análise dos dados

Mattar (2008) considera que o processamento dos dados envolve os passos que permitirão a sua análise e interpretação, fazendo com que os dados brutos coletados tenham significado. Neste sentido, Gil (2009, p. 113) acrescenta que “o processo de análise dos dados envolve diversos procedimentos: codificação das respostas, tabulação dos dados e cálculos estatísticos”, sendo conveniente o planejamento prévio destes processos, antes mesmo da coleta dos dados.

Deste modo, os dados coletados tiveram tratamento estatístico através dos softwares *Microsoft Excel*® e *SPSS – Statistical Package for the Social Sciences*®. Em um primeiro momento, a apresentação dos dados deu-se por meio de estatística descritiva, com uso de medidas de tendência central (média, moda e mediana) e medida de dispersão (desvio padrão). Posteriormente, na tentativa de explicar os fenômenos observados, foi verificada a existência de relação entre as variáveis (nível de alfabetização financeira e fatores socioeconômicos), por meio do Teste *t* e da análise de variância (ANOVA).

Segundo Field (2009) ambos os testes avaliam as diferenças entre as médias das amostras, verificando se tais alterações entre ocorreram por acaso ou se houve uma diferença verdadeira, sendo que a ANOVA permite avaliar as diferenças estatísticas em situações nas quais existem diversas variáveis dependentes. Nestes casos, assume-se como hipótese nula a não existência de diferenças significativas entre dois grupos. Por diferença significativa, consideraram-se aquelas que tiveram Significância (Sig) > 0,05 (FIELD, 2009).

A confiabilidade dos construtos não foi mensurada, uma vez que se utilizou de instrumento de coleta de dados já validado em estudo anterior (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2014). O modelo utilizado teve sua eficiência comprovada por Potrich, Vieira e Kirch (2016). Portanto, as medidas de confiabilidade obedecem ao apresentado naquele estudo.

Já apresentados os procedimentos metodológicos a serem cumpridos no desenvolvimento da pesquisa, passa-se à apresentação dos dados coletados na organização em que a pesquisa se desenvolveu.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados foi dividida em três seções. A primeira apresenta um perfil da amostra coletada, onde são apresentados os dados sociodemográficos dos servidores da organização. A segunda seção trata de expor as medidas dos componentes de alfabetização financeira – atitudes, comportamentos e conhecimentos financeiros. Os dados apresentados são confrontados com estudos anteriores, permitindo fazer uma relação entre a teoria e os resultados empíricos. Por fim, a terceira seção do capítulo relaciona os níveis de alfabetização financeira com o perfil sociodemográfico dos respondentes.

4.1. Perfil dos Respondentes

Conforme apresentado no capítulo anterior, os dados foram coletados segundo os estratos formados pelos diferentes níveis hierárquicos dos militares alocados na organização em estudo. Após a coleta de dados, foram obtidos 106 questionários válidos, conforme tabela a seguir:

Tabela 1 – Distribuição da amostra

Nível hierárquico	Amostra mínima	Respondentes	Percentual
Oficial	10	10	9,43%
Subtenente/Sargento	18	18	16,98%
Cabo/Soldado EP	44	33	31,13%
Soldado EV	49	45	42,45%

Fonte: dados da pesquisa

Com base na tabela 1 verifica-se que a amostra mínima foi atingida para o estrato de Oficiais e o de Subtenentes e Sargentos. O número de respondentes dos outros dois estratos ficou aquém do estipulado no cálculo amostral, fato que se caracteriza como limitação da pesquisa. Entretanto, a distribuição dos questionários válidos respeitou a distribuição dos níveis hierárquicos da organização, ou seja, a amostra proporcional de cada estrato representa a representatividade deste na Organização.

A amostra apresentada no tópico anterior foi caracterizada segundo variáveis socioeconômicas e demográficas, com base em questões relacionadas à idade, ao gênero, ao estado civil, à escolaridade, à renda familiar, entre outras. O tratamento dado às questões baseou-se na estatística descritiva, onde se enumerou a frequência das respostas e o percentual correspondente. Considerando que a tabulação dos dados sociodemográficos se deu por meio da formação de intervalos de distribuição, não foram utilizadas em sua análise as medidas de tendência central e de dispersão da estatística descritiva. Os dados referentes ao perfil da amostra são expostos nas Tabelas 2 e 3:

Tabela 2 – Perfil dos respondentes segundo as variáveis idade, gênero, estado civil e posse de dependentes

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual válido
Idade	Até 25 anos	75	70,80%
	De 26 a 30 anos	06	05,70%
	De 31 a 35 anos	12	11,30%
	De 36 a 40 anos	04	03,80%
	De 41 a 45 anos	04	03,80%
	De 46 a 50 anos	04	03,80%
	Mais de 50 anos	01	00,90%
Gênero	Masculino	104	98,10%
	Feminino	02	01,90%
Estado civil	Solteiro	75	70,80%
	Casado	29	27,40%
	Separado	02	01,90%
Dependentes	Não	81	76,40%
	Sim	25	23,60%

Fonte: Dados da pesquisa

Com base na Tabela 2, percebe-se que a maior parte dos servidores da Organização Militar são jovens de até 25 anos (70,8%), predominantemente pertencentes ao gênero masculino (98,1%). Preponderam os solteiros, que representam 70,8% da amostra e a maioria dos respondentes não possuem dependentes (76,4%). Com isso, pode-se formar um perfil uniforme no que tange as variáveis apresentadas até então, o que configura certa homogeneidade da amostra, já que o universo amostral é restrito, formado apenas por servidores de uma organização.

As variáveis apresentadas na Tabela 2 também demonstram que os respondentes, em sua maioria, não constituíram uma família com dependentes, o que lhes permite o uso individualizado de sua renda, de acordo com suas prioridades pessoais. A não constituição da situação de arrimo de família ainda sugere um perfil mais conservador no que tange a

formação de seios familiares formais, que não ocorre de forma precoce na organização em estudo.

A Tabela 3, apresentada a seguir, complementa as variáveis socioeconômicas e demográficas coletadas na organização, traçando o perfil da amostra com base na escolaridade, no nível hierárquico, na renda familiar mensal e em quem contribui para a sua formação:

Tabela 3 - Perfil dos respondentes segundo a escolaridade, nível hierárquico e renda

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual válido
Escolaridade	Ensino fundamental de 1ª a 4ª série	03	02,83%
	Ensino fundamental de 5ª a 8ª série	10	09,43%
	Ensino médio	56	52,83%
	Superior incompleto	18	16,98%
	Superior completo	11	10,38%
	Pós-graduação	08	07,55%
Nível hierárquico	Oficial	10	09,43%
	Subtenente/Sargento	18	16,98%
	Cabo/Soldado EP	33	31,13%
	Soldado EV	45	42,45%
Quem possui renda na residência, além do respondente	Mora sozinho	07	06,60%
	Os pais	55	51,89%
	Parceira(o)	28	26,42%
	Parceira e filhos	03	02,83%
	Ninguém além do respondente	09	08,49%
	Pais e irmãos	04	03,77%
Renda familiar	Até R\$700,00	04	03,77%
	De R\$700,01 a R\$1.400,00	12	11,32%
	De R\$1.400,01 a R\$2.100,00	17	16,04%
	De R\$2.100,01 a R\$2.800,00	13	12,26%
	De R\$2.800,01 a R\$3.500,00	18	16,98%
	De R\$3.500,01 a R\$4.200,00	05	04,72%
	De R\$4.200,01 a R\$4.900,00	13	12,26%
	De R\$4.900,01 a R\$5.600,00	01	00,94%
	De R\$5.600,01 a R\$6.300,00	05	04,72%
	De R\$6.300,01 a R\$7.000,00	06	05,66%
	Acima de R\$7.000,01	12	11,32%

Fonte: dados da pesquisa

A variável escolaridade mostra maior dispersão, porém predominam os respondentes de nível médio, que correspondem a 52,83% da amostra. Por outro lado, 16,98% dos respondentes estão cursando o nível superior e 17,93% já o concluíram ou possuem formação de pós-graduação. Com base nestes dados, pode-se considerar que o efetivo da organização possui escolaridade de intermediária a alta, que tende a aumentar a educação

financeira do indivíduo (AGARWALA *et al.*, 2012; ATKINSON; MESSY, 2012; BROWN; GRAF, 2013; POTRICH *et al.*, 2014; POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2014).

A variável seguinte confirma a distribuição dos níveis hierárquicos na organização e complementa a análise das subsequentes. Na questão que avalia quem possui renda na residência do respondente, além do próprio, nota-se a prevalência de militares que moram com seus pais, os quais possuem renda (51,89%). Já que a amostra é formada majoritariamente por respondentes que cumprem o serviço militar obrigatório (42,45%), este pode ser considerado um resultado natural e esperado, uma vez que nesta fase, na maioria das vezes ainda não ocorreu a independência econômica dos indivíduos com seus progenitores. Em segundo (26,42%), surgem os respondentes que afirmam que seus parceiros(as) complementam a renda familiar. A parcela de indivíduos que moram sozinhos ou que são os únicos com renda mensal em seus núcleos familiares mostrou-se menos representativa, com respectivamente, 6,6% e 8,49% das respostas.

Por fim, na questão que avalia a renda familiar mensal da amostra investigada, encontra-se a maior dispersão de respostas. Nesta, prevalece a faixa de R\$ 2.800,01 a R\$ 3.500,00, que obteve de 16,98% das respostas válidas. Em seguida, aparece a faixa de R\$ 1.400,01 até R\$ 2.100,00 (16,04%). As rendas mensais que se situam entre os R\$ 2.100,01 a R\$ 2.800,00 e entre R\$ 4.200,01 a R\$ 4.900,00 tiveram o mesmo percentual de respostas válidas (12,26%). O mesmo ocorre com as faixas de R\$ 700,01 a R\$ 1.400,00 e acima de R\$ 7.000,01 (11,32%), o que contribui para atestar a variabilidade da renda mensal dos respondentes.

4.2. Nível de Alfabetização Financeira

Uma vez conhecido o perfil dos respondentes, o estudo buscou mensurar o grau de alfabetização financeira dos militares da organização. Para tanto, foram utilizadas questões elaboradas no sentido de identificar suas atitudes, seus comportamentos e seus conhecimentos financeiros.

Para mensurar os conhecimentos financeiros, foi utilizada uma escala com base no número de acertos nas questões formuladas para este fim, que abordavam conceitos como

juros, valor do dinheiro no tempo, inflação, alocação de ativos, risco, entre outros. Nestas questões de múltipla escolha, foi atribuída a pontuação de valor 1 para cada acerto e valor 0 para cada erro. O somatório obtido, que varia de 0 a 13 pontos, foi dividido pelo número de questões para se obter um fator entre 0 e 1 (POTRICH et al., 2013).

A classificação do nível de conhecimentos financeiros proposta Chen e Volpe (1998), adaptada posteriormente por Potrich, Vieira e Kirch (2014), é baseada no número de acertos nas questões que mensuram este construto. O autor determina que o indivíduo seja classificado como detentor de um baixo nível de conhecimentos financeiros quando o número de acertos for inferior a 8. Com escore entre 8 e 10 acertos, o indivíduo será classificado como possuidor de nível intermediário de conhecimentos financeiros e os que obtiverem mais que 10 acertos serão classificados como portadores de alto nível de conhecimentos financeiros. Adaptando esta escala para o fator entre 0 e 1, a classificação alterou-se, ficando o baixo nível de conhecimentos financeiros para pontuação menor que 0,6153; nível intermediário para pontuação entre 0,6153 e 0,7692; e alto nível de conhecimentos financeiros para escores acima de 0,7692 (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2014).

Assim como nos demais construtos, a análise inicial do nível de conhecimentos financeiros se deu com base na estatística descritiva, onde se identificou a média, a moda, a mediana e o desvio padrão:

Tabela 4 - Estatística descritiva dos conhecimentos financeiros

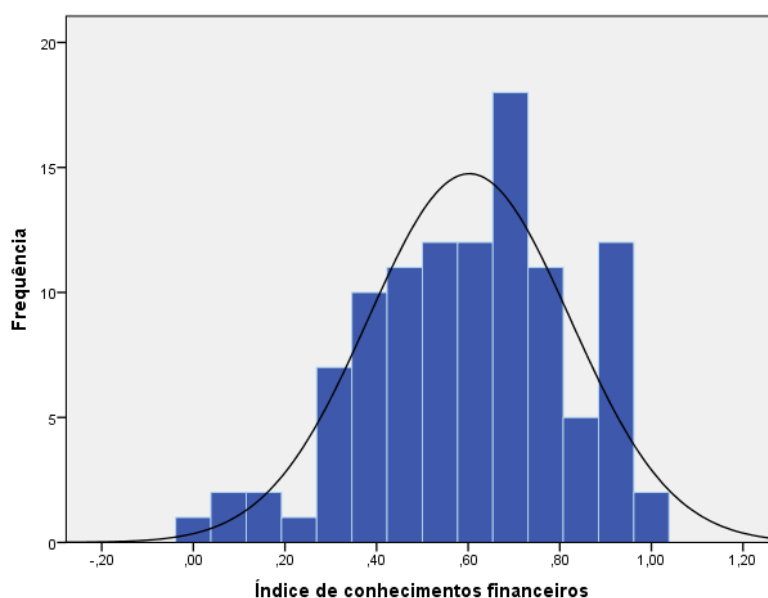
Índice de conhecimentos financeiros	Mínimo	Máximo	Média	Moda	Mediana	Desvio Padrão
	0	1	0,6023	0,6923	0,6153	0,2205

Fonte: Dados da pesquisa

Baseando-se na Tabela 4 e na adaptação da escala de Chen e Volpe (1998), pode-se afirmar que a média de conhecimentos financeiros dos militares da organização está no nível baixo, tendente ao nível intermediário quando se observa a moda e a mediana. Esta escala demonstra que conceitos de gestão financeira pessoal não são bem compreendidos pelo público pesquisado. Tal resultado corrobora com os achados da OECD, descritos por Lusardi (2015), que demonstra o hiato de conhecimentos financeiros em diversas localidades do globo. Esta incapacidade de lidar com questões atinentes à área compromete a segurança financeira dos indivíduos e impõe entraves ao crescimento do país, já que as ações individuais impactam o sistema econômico como um todo (GARCÍA *et al.*, 2013).

A distribuição da frequência em que os escores foram atingidos é representada graficamente pela figura 2. Nesta, pode-se verificar que o índice de conhecimentos financeiros mais frequente na organização (moda) é 0,69, atingido por 18 respondentes (17%). Em seguida, ocorrem os índices de 0,54, 0,62 e 0,92, os quais foram obtidos por 12 respondentes cada, que equivalem a 11,3% das respostas. A distribuição do nível de conhecimentos financeiros aproxima-se da curva normal estatística, já que as frequências de escores estão bem distribuídas sobre a média e a mediana:

Figura 2 - Representação gráfica da distribuição do nível de conhecimentos financeiros



Fonte: dados da pesquisa

No entanto, nota-se que a curva de distribuição possui algumas “fugas destacadas”, isto é, agrupamento de escores acima da média, no nível intermediário e no nível alto de conhecimentos financeiros. Estas “fugas” demonstram que uma parcela de servidores militares da organização tem maior domínio sobre conceitos utilizados na gestão das finanças pessoais.

Também cabe ressaltar que o menor número de acertos (39) foi atingido na questão que indagava sobre qual ativo possibilitava os maiores retornos em longo prazo. O segundo menor número de acertos (40) atingiu-se em questão que relacionava o risco de perder dinheiro com a diversificação de investimentos em diferentes ativos. Já os maiores

números de acertos foram, respectivamente, em questão de simples divisão igualitária de um montante entre cinco indivíduos (92) e em indagação que buscava verificar se os respondentes conheciam a relação entre inflação e custo de vida (90). Estes resultados demonstram a dificuldade encontrada pelos respondentes em compreender tópicos avançados de educação financeira. O retorno de investimentos e a gestão de riscos são conceitos que demandam certo preparo para serem entendidos. Por outro lado, as questões com maiores frequências de acertos podem ser compreendidas pela experiência pessoal do decisor. Tais constatações entram em consonância com Severo (2011), que relata que em alguns casos, a fonte de aprendizado da gestão financeira pessoal decorre da atividade de tentativa e erro, ou seja, da experiência individual.

No que tange as atitudes e os conhecimentos financeiros, seguiu-se os passos listados por Potrich, Vieira e Kirch (2016). Os autores validaram um instrumento de medição dos construtos atitude financeira e comportamento financeiro com base nas questões 2, 9 e 10 do questionário para o primeiro e nas questões 13, 20, 28, 31 e 36 para o segundo. A partir deste modelo validado seguiu-se à verificação dos construtos.

As questões referentes à atitude financeira eram mensuradas por meio de escala Likert de cinco pontos, onde a maior discordância das afirmações apresentadas se traduziria nas melhores atitudes financeiras. As respostas desta seção do questionário foram aplicadas à fórmula matemática discriminada a seguir:

$$[(0,26 * Q2) + (0,49 * Q9) + (0,25 * Q10)] / 5$$

Avaliando-se a estatística descritiva das atitudes financeiras, constata-se que os respondentes se encontram em um nível intermediário de atitudes financeiras, uma vez que esta escala possui sentido inverso:

Tabela 5 - Estatística descritiva das atitudes financeiras

Índice de atitudes financeiras	Mínimo	Máximo	Média	Moda	Mediana	Desvio Padrão
	0	1	0,3251	0,41	0,3064	0,1182

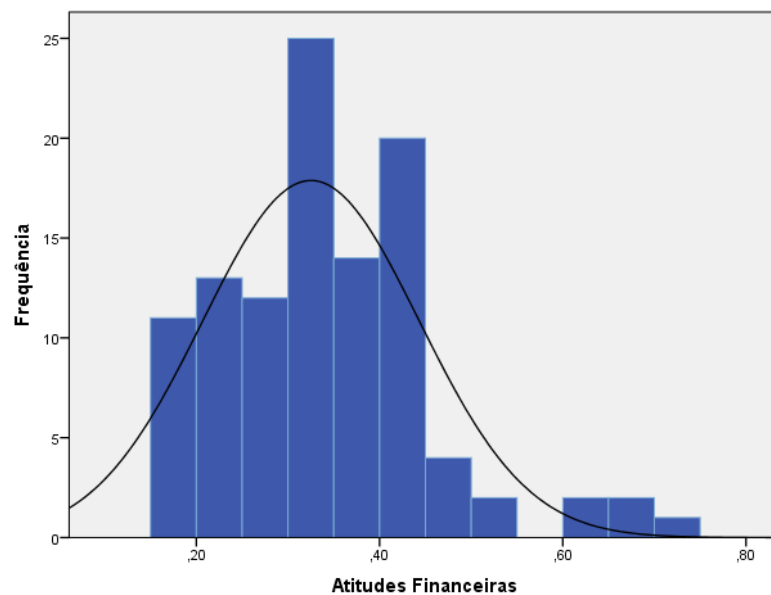
Fonte: Dados da pesquisa

As questões validadas para medir este componente da alfabetização financeira concentravam-se em verificar se o respondente possuía preocupação com o seu futuro, ou se suas ações de gestão financeira são mais imediatistas. Com base nos resultados encontrados,

conclui-se que os militares alocados à organização analisada reconhecem a importância de destacar o futuro na gestão financeira pessoal, pois são mais tendentes a discordar das afirmações apresentadas nas alternativas validadas para a formação deste construto. Estas questões apresentavam atitudes mais negativas e foram tidas como inadequadas pela maior parcela dos respondentes.

A distribuição das frequências (figura 3) evidencia que os escores estão agrupados principalmente nos dois primeiros quartis do índice de atitudes financeiras:

Figura 3 - Representação gráfica da distribuição do nível de atitudes financeiras



Fonte: dados da pesquisa

Desta maneira, percebe-se que embora existam servidores com baixo nível de conhecimentos financeiros na organização, as atitudes destes não diferem da maioria na mesma proporção que o verificado no campo dos conhecimentos. Isto é, existem maiores diferenças entre os servidores no campo de conhecimentos financeiros e estas diferenças são atenuadas no campo das atitudes.

No tocante ao comportamento financeiro, o instrumento de medição também era composto por questões de escala Likert de cinco pontos, nas quais a maior frequência de reprodução dos comportamentos apresentados significa melhores comportamentos

financeiros. A equação utilizada para determinar este componente da alfabetização financeira é apresentada abaixo:

$$[(0,22 * Q13) + (0,23 * Q20) + (0,19 * Q28) + (0,15 * Q31) + (0,21 * Q36)] / 5$$

A análise estatística descritiva do resultado da aplicação da fórmula matemática supracitada é sintetizada na tabela 6:

Tabela 6 - Estatística descritiva dos comportamentos financeiros

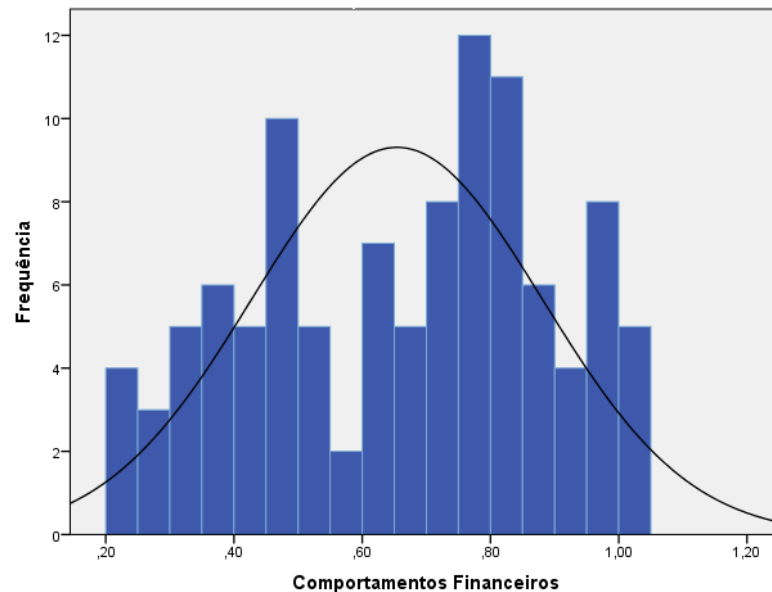
Índice de comportamentos financeiros	Mínimo	Máximo	Média	Moda	Mediana	Desvio Padrão
	0,2	1	0,6542	1	0,7100	0,2271

Fonte: Dados da pesquisa

Assim como o verificado na aferição dos conhecimentos financeiros, a média dos comportamentos financeiros dos respondentes ficou em um nível intermediário. Apesar disso, o comportamento pode ser considerado tendente ao alto nível por conta da moda e da mediana, o que revela que apesar de conhecimentos mais limitados, os militares possuem alguns hábitos financeiros adequados. Atkinson e Messy (2012) consideram os comportamentos como o componente mais importante da alfabetização financeira, pois conduzem a resultados positivos ou negativos na gestão financeira pessoal. De tal modo, pode-se considerar que parte do efetivo militar da organização analisada aproxima-se do alto nível de alfabetização financeira por reproduzirem comportamentos adequados. A conclusão não pode ser generalizada, uma vez que houve grande distribuição nos escores deste componente.

As questões validadas por Potrich, Vieira e Kirch (2016) para mensurar os comportamentos financeiros indagavam sobre a frequência com que os respondentes fazem reservas com parte de sua renda. As respostas indicam que este comportamento é reproduzido na organização, porém não é um hábito sistemático de todos os servidores. A figura 4, apresentada a seguir, demonstra graficamente este posicionamento:

Figura 4 - Representação gráfica da distribuição dos níveis de comportamentos financeiros



Fonte: dados da pesquisa

Com a figura 4, percebe-se que os níveis de comportamentos financeiros não estão agrupados sobre determinado escore, mas sim distribuídos ao longo de toda a escala. Amparando-se nesta dispersão, pode-se concluir que a homogeneidade de perfil sociodemográfico não se manifesta na homogeneidade de comportamentos financeiros. Apesar de a organização possuir um efetivo com determinadas características uniformes, as diferenças entre os comportamentos financeiros dos indivíduos são evidentes.

Uma vez mensurados os níveis dos componentes da alfabetização financeira e feita a análise prévia dos mesmos de forma isolada, partiu-se para a classificação dos respondentes em alto e baixo nível de alfabetização financeira. Para tanto, os resultados foram inseridos nas equações abaixo discriminadas (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2016):

$$D_0 = (0,49 - \text{Atit})^2 + (0,55 - \text{Comp})^2 + (0,57 - \text{Conh})^2$$

$$D_1 = (0,37 - \text{Atit})^2 + (0,85 - \text{Comp})^2 + (0,82 - \text{Conh})^2$$

Onde:

Atit = Índice de Atitudes Financeiras;

Comp = Índice de Comportamentos Financeiros; e

Conh = Índice de Conhecimentos Financeiros.

Os autores anteriormente citados partiram para uma classificação de *cluster* hierárquico com o método de Ward, que resultou na formação de dois *clusters* distintos, sendo um com o grupo de respondentes com baixo nível de alfabetização financeira e outro com aqueles respondentes que atingiram o nível de alfabetização financeira alto. Potrich, Vieira e Kirch (2016) apontam que as equações apresentadas servem para estimar a distância quadrática das respostas de cada indivíduo com o centro do *cluster* e possibilitam verificar se o respondente possui alto nível de alfabetização financeira ($D_0 > D_1$) ou baixo nível de alfabetização financeira ($D_0 < D_1$).

Com base nestas prescrições, partiu-se para a aplicação das equações, que resultou na classificação de 65 indivíduos no grupo de baixo nível de alfabetização financeira e de 41 respondentes como portadores de alto nível de alfabetização financeira. Tal qual o verificado em estudos anteriores (AMADO, 2011; CHEN; VOLPE, 1998; DIAS, 2013; FERNANDES; CANDIDO, 2014; GARCÍA *et al.*, 2013; KEMPSON, 2009; LOPES JÚNIOR; PELIAS; SAVOIA, 2015; LUSARDI, 2015; POTRICH *et al.*, 2014; POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2016; SANTOS, 2011; SEVERO, 2011; SILVEIRA, 2014) a maior parte dos militares da organização analisada demonstrou níveis insatisfatórios de alfabetização financeira. A estatística descritiva destes resultados é apresentada na Tabela 7:

Tabela 7 - Estatística descritiva segundo a classificação de alfabetização financeira

Construto	Baixo nível (n=65; 61%)				Alto nível (n= 41; 39%)			
	Média	Moda	Mediana	Desvio Padrão	Média	Moda	Mediana	Desvio Padrão
Atitude financeira	0,3543	0,4064	0,3512	0,1257	0,2787	0,3012	0,3012	0,0884
Comportamento financeiro	0,5269	0,4600	0,4880	0,1867	0,8560	1,0000	0,8660	0,1078
Conhecimento financeiro	0,4982	0,4615	0,4615	0,1850	0,7842	0,9231	0,7692	0,1687

Fonte: dados da pesquisa, adaptado de Potrich, Vieira e Kirch (2016)

A Tabela 7 possibilita visualizar com maior clareza as diferenças entre os grupos classificados com alto (baixo) nível de alfabetização financeira. No campo das atitudes, nota-se uma diferença menos representativa do que a dos outros dois construtos. As questões validadas para a construção da escala de atitudes buscavam verificar a importância dada pelo respondente a hábitos financeiros que visam o longo prazo (caso discordasse das afirmações),

ou se o indivíduo é mais imediatista em sua gestão financeira pessoal (caso concordasse com as mesmas). Nas escalas originais, a média das respostas dos dois grupos resultou em 2,03, o que corresponde à alternativa “discordo parcialmente” no instrumento de coleta de dados.

Uma vez que a média das respostas se situou na posição referente à opção do questionário que classificaria os respondentes como portadores de atitudes financeiras mais positivas, tendo como moda e mediana o mesmo grau, pode-se considerar que ambos os grupos são mais tendentes a reconhecer a importância da formação de poupança. Contudo, as pequenas diferenças em relação aos dois grupos demonstram que as atitudes financeiras não são determinantes para a classificação da alfabetização financeira, já que ambos os grupos convergem no mesmo sentido ao responderem sobre este construto (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2016).

No tocante aos comportamentos financeiros, o respondente era indagado sobre a frequência com que costuma reproduzir certos hábitos de gestão financeira, sendo a avaliação deste construto medida por proporção direta, conforme comentado anteriormente. A média geral desta seção do questionário teve o índice de 3,64 como resultado, sendo que a moda alcançou o índice de 5 e a mediana situou-se no nível 4, todos na escala original. Isto significa que os comportamentos dos respondentes tendem a corresponder às opções “na maioria das vezes” e “sempre”, o que colabora para afirmar que os comportamentos financeiros do público pesquisado são mais positivos.

As questões que obtiveram o maior número de associações positivas relacionavam-se com o hábito de pagar a fatura do cartão de crédito integralmente e de analisar as condições de pagamento antes de efetuar uma compra, demonstrando um comportamento financeiro conservador e de aversão às dívidas. Em contraste, as afirmações que alcançaram as menores frequências de reprodução referem-se ao hábito de calcular o patrimônio anualmente, à diversificação de investimentos e ao volume e liquidez dos mesmos. Desta forma, conclui-se que os comportamentos positivos restringem-se a hábitos mais básicos e que comportamentos mais avançados não são disseminados e reproduzidos pela maior parcela de respondentes.

Cabe ressaltar que as diferenças entre os dois grupos se tornam mais significativas neste construto. Os militares classificados como portadores de um baixo índice de alfabetização financeira são mais tendentes a responderem a opção “raras vezes” no

instrumento de coleta de dados, opondo-se ao grupo de alto nível de alfabetização financeira, que apresenta a maior frequência de comportamentos adequados. Destaca-se a moda do índice de comportamentos financeiros da parcela de militares com alto nível de alfabetização financeira, que atinge o maior nível possível e se contrapõe às medidas de tendência central do grupo de baixa alfabetização financeira.

A relação entre o índice de atitudes financeiras e o índice de comportamentos financeiros corrobora em partes com o proposto por Atkinson e Messy (2012). Estes autores afirmam que indivíduos que levam em consideração prazos mais longos nas suas decisões financeiras tendem a reproduzir comportamentos mais adequados do que aqueles indivíduos mais imediatistas. Porém, os resultados da pesquisa demonstram que essa relação não ocorre na mesma proporcionalidade. O mesmo é verificado nos resultados expostos por Potrich, Vieira e Kirch (2016), cuja metodologia de mensuração é utilizada neste estudo. Em ambos os casos, os grupos de alto e de baixo nível de alfabetização financeira reconhecem a importância de considerar prazos mais longos ao ponderarem sobre sua gestão financeira pessoal, visto que são tendentes, pela média, a assinalarem as opções no questionário referentes a tais atitudes. Apesar disso, os comportamentos do grupo de baixa alfabetização financeira não condizem com este pensamento, já que a média de sua escala de comportamentos financeiros fica muito aquém do grupo mais alfabetizado financeiramente. Em outras palavras, suas atitudes não são manifestas nos seus comportamentos.

Assim como verificado no campo dos comportamentos financeiros, os níveis de conhecimentos financeiros são contrastantes entre os dois grupos. A mediana desta escala, no grupo mais alfabetizado financeiramente, situa-se exatamente no limite inferior do alto nível de conhecimentos financeiros resultante da adaptação à escala de Chen e Volpe (1998). Além disso, a moda do índice de conhecimentos financeiros da parcela de servidores da organização com alto nível de alfabetização financeira corresponde a doze acertos, de treze possíveis nas questões de múltipla escolha apresentadas na Seção III do questionário, demonstrando domínio sobre conceitos e produtos relacionados às finanças pessoais.

Em contrapartida, o grupo de respondentes detentores de baixo nível de alfabetização financeira obteve média de acertos que corresponde a um aproveitamento muito inferior (média de aproximadamente sete acertos, de treze possíveis). Oliveira (2012) menciona a existência de um atraso na preocupação com a educação financeira no país. As

consequências deste hiato parecem estar produzindo efeitos na organização analisada, que tem grande parte de seu efetivo formado por jovens que desconhecem certos aspectos da gestão financeira pessoal.

Resultados inferiores no campo de conhecimentos financeiros também são descritos por Amado (2011), Dias (2013), Lucena e Marinho (2013), Potrich *et al.* (2014), Lopes Júnior, Peleias e Savoia (2015). Cabe ressaltar que a carência de conhecimentos financeiros adequados não é uma característica exclusiva do Brasil. Chen e Volpe (1998), Agarwala *et al.* (2012), Brown e Graf (2013) e Lusardi (2015) demonstraram que mesmo em economias desenvolvidas, uma parcela da população tem o mesmo tipo de dificuldades e não domina certos termos e conceitos presentes na gestão financeira pessoal.

Fica evidenciada ainda a relação de interdependência entre os conhecimentos e os comportamentos financeiros (MARTIN, 2007). Para Atkinson e Messy (2012), a partir do momento que um indivíduo passa a ter maior conhecimento sobre gestão financeira pessoal, este se torna mais participativo nos mercados financeiros, o que traz por consequência um crescimento mútuo entre os dois elementos da alfabetização financeira. Lusardi (2015) aponta no mesmo sentido ao afirmar que a alfabetização financeira é o meio que possibilita que os indivíduos participem plenamente da vida econômica. Esta relação de interdependência pode explicar a grande diferença entre os índices dos dois grupos na organização analisada.

A maior gama de conhecimentos dos indivíduos alfabetizados financeiramente pode estar contribuindo para que estes tenham uma postura mais ativa e segura, que por sua vez, contribui para o incremento nos comportamentos positivos, gerando experiências que retroalimentarão este sistema. Estas constatações apoiam-se em Hung, Parker e Yoong (2009) e no proposto por Moore (2003), que atesta que o processo de alfabetização requer a experiência prática e integração ativa do conhecimento. Complementando esta análise, está o posicionamento de Delavande, Rohwedder e Willis (2008), que avaliam que conhecimentos financeiros podem ser considerados investimentos que os indivíduos detêm para aprimorar certas habilidades e/ou comportamentos. Desta maneira, o acervo de conhecimentos adquiridos por meio de educação formal ou de experiências pelo grupo classificado no nível alto de alfabetização financeira é determinante para que este mesmo grupo consiga reproduzir os comportamentos financeiros adequados que trarão resultados positivos para si e para a sociedade.

Com base nestes argumentos, conclui-se que os conhecimentos financeiros são a causa e também o meio para as alterações e aprimoramentos comportamentais. Assim sendo, o processo de alfabetização financeira requer não somente a compreensão de conceitos, mas também o repasse de habilidades à população, com a finalidade de aprimorar a sua capacidade de utilizar seus recursos de forma mais racional e cuidadosa (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2015).

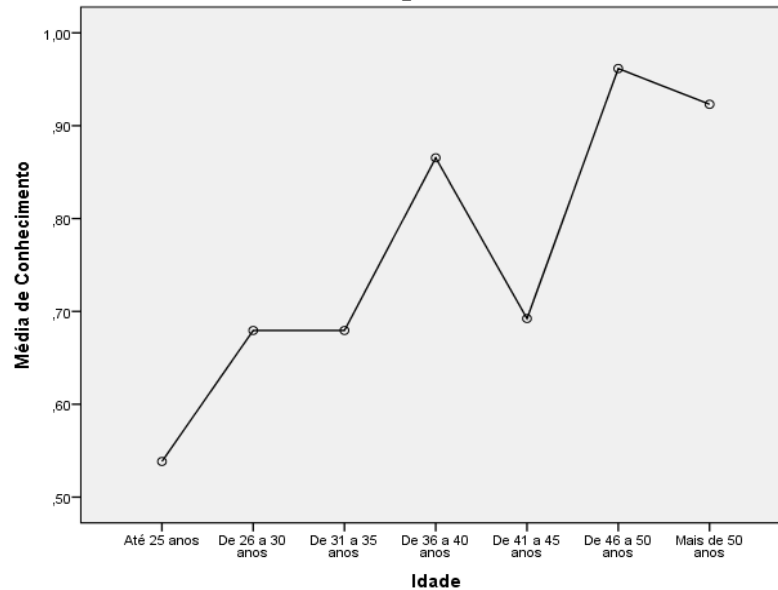
4.3. Fatores relacionados ao nível da alfabetização financeira

Além de mensurar o nível de alfabetização financeira, este estudo preocupou-se em compreender quais são os fatores sociodemográficos e econômicos que influem na formação destes níveis no âmbito dos militares da organização analisada. Para atingir este propósito, utilizou-se da análise de variância (ANOVA).

Conforme apresentado anteriormente, as atitudes financeiras pouco diferem entre os grupos de alto e de baixo nível de alfabetização financeira (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2016). Por conta disso, a ANOVA resultou no não surgimento de diferenças entre os grupos, independente de qual variável era testada. Sendo assim, os resultados relativos às atitudes serão omitidos dos dados apresentados a seguir.

A primeira variável dependente analisada foi a idade, onde os resultados indicaram que esta variável influencia o nível de conhecimentos financeiros. Corroborando com Chen e Volpe (1998) e Brown e Graf (2013), constatou-se que os militares com idade inferior a 30 anos tendem a ser menos educados financeiramente, já que as menores médias de conhecimentos financeiros foram atribuídas a esta faixa etária.

Por outro lado, os níveis de conhecimentos financeiros e de comportamentos financeiros foram contrastantes entre os adultos de meia idade, representados pelo intervalo de 36 a 40 anos. Delavande, Rohwedder e Willis (2008) e Atkinson e Messy (2012) afirmam que os maiores níveis de alfabetização financeira são encontrados em indivíduos com esta idade. Porém, os resultados da pesquisa não permitem que esta indicação seja assegurada. A figura a seguir representa a média de conhecimentos financeiros de acordo com as faixas etárias dos respondentes:

Figura 5 - Nível de conhecimento por idade

Fonte: dados da pesquisa

A curva apresentada na Figura 5 diverge no nível de comportamento e de conhecimentos da faixa etária que vai dos 36 aos 40 anos. Nesta altura, enquanto os comportamentos apresentam as médias mais inferiores do índice, os conhecimentos atingem o nível que classifica a faixa etária considerada como detentora de alto nível de conhecimentos, segundo a classificação adaptada de Chen e Volpe (1998). O inverso ocorre na faixa de 41 a 45 anos, cuja média de conhecimentos decai em relação às faixas adjacentes.

No campo dos comportamentos, estas diferenças podem ter ocorrido ao acaso e não por conta da variável idade. Esta constatação encontra amparo na significância das diferenças entre as médias neste construto, conforme apresentado na Tabela 8, onde nota-se o valor de Sig. superior a 0,05:

Tabela 8 - ANOVA dos índices de alfabetização financeira por idade

		Soma dos quadrados	Df	Quadrados médios	F	Sig.
Comportamentos	Entre grupos	0,455	06	0,076	1,514	0,181
	Dentre grupos	4,962	99	0,050		
	Total	5,417	105			
Conhecimento	Entre grupos	1,342	06	0,224	5,912	0,000
	Dentre grupos	3,744	99	0,038		
	Total	5,086	105			

Legenda:

Df = *Degrees of Freedom* (Graus de liberdade). Número de determinações independentes menos o número de parâmetros estatísticos a serem avaliados na população.

F = Variância entre grupos / Variância dentre grupos. Razões F maiores indicam diferenças significativas entre

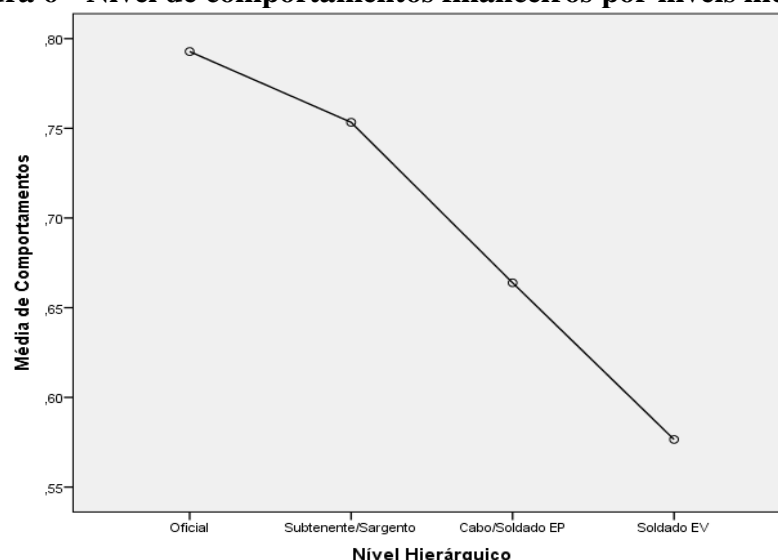
os grupos;

Sig = Significância estatística. Relação entre duas variáveis que é verdadeira e não se deve a eventos aleatórios (Sig < 0,05)

Fonte: dados da pesquisa

Posteriormente, foi testada a influência do nível hierárquico na formação dos índices de alfabetização financeira, sendo esta, a variável que mostrou a influência mais significativa nestes níveis. As figuras a seguir demonstram um comparativo da estatística descrita dos conhecimentos e comportamentos por níveis hierárquicos, onde se notam as disparidades entre os estratos:

Figura 6 - Nível de comportamentos financeiros por níveis hierárquicos

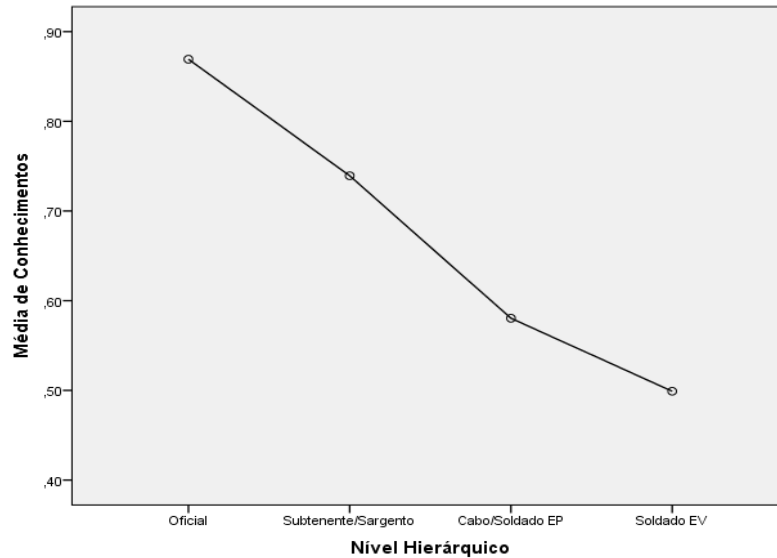


Fonte: dados da pesquisa

As figuras 6 e 7 demonstram a distância existente entre a média de conhecimentos e de comportamentos financeiros entre o nível hierárquico mais alto da organização (Oficiais) e o estrato mais baixo (Soldados EV). Existem diversos fatores que diferem estes dois estratos, como renda, escolaridade e idade, além de diferenças ocultas e não mensuradas, como as necessidades e desejos, as aspirações pessoais e a percepção sobre os hábitos de consumo. Entretanto, esta análise simplificada demonstra que os jovens ingressantes no mercado de consumo (Soldados EV) não dominam os conceitos necessários para a eficiente gestão financeira pessoal, confirmando o despreparo das gerações atuais em lidar com o lado financeiro da vida adulta citado por Fernandes e Candido (2014). Os maiores níveis de conhecimentos e de comportamentos financeiros dos níveis hierárquicos mais altos da organização, representados por militares de carreira, vão ao encontro do que afirmam Potrich,

Vieira e Kirch (2014), no sentido de que funcionários públicos possuem maior propensão a possuir alto grau de alfabetização financeira.

Figura 7 - Nível de conhecimentos financeiros por nível hierárquico



Fonte: dados da pesquisa

A ANOVA atesta que as diferenças entre as médias dos grupos são estatisticamente significativas, como pode ser verificado por meio dos valores da Razão F e na significância de valor 0,005 na dimensão dos comportamentos e de 0,000 na dimensão dos conhecimentos:

Tabela 9 - ANOVA dos índices de alfabetização financeira por nível hierárquico

		Soma dos quadrados	df	Quadrados médios	F	Sig.
Comportamentos	Entre grupos	0,644	03	0,215	4,583	0,005
	Dentre grupos	4,774	102	0,047		
	Total	5,417	105			
Conhecimento	Entre grupos	1,546	03	0,515	14,848	0,000
	Dentre grupos	3,540	102	0,035		
	Total	5,086	105			

Legenda:

Df = *Degrees of Freedom* (Graus de liberdade). Número de determinações independentes menos o número de parâmetros estatísticos a serem avaliados na população.

F = Variância entre grupos / Variância dentre grupos. Razões F maiores indicam diferenças significativas entre os grupos;

Sig = Significância estatística. Relação entre duas variáveis que é verdadeira e não se deve a eventos aleatórios (Sig < 0,05)

Fonte: dados da pesquisa

Com relação ao estado civil, verificou-se um desempenho ligeiramente superior dos respondentes que se declararam casados no campo dos comportamentos e dos conhecimentos financeiros. Esta constatação corrobora com Agarwala *et al.* (2012) e Brown e Graf (2013), que atribuem aos casados os maiores níveis de alfabetização financeira. A tabela apresentada a seguir demonstra a estatística descritiva dos grupos de estado civil:

Tabela 10 - Estatística descritiva da alfabetização financeira por estado civil

		N	Média	Desvio padrão	Erro padrão	Intervalos de confiança de 95% para a média	
						Limite inferior	Limite superior
Comportamentos	Casado	29	0,7248	0,1882	0,0349	0,6531	0,7964
	Solteiro	75	0,6367	0,2316	0,0267	0,5834	0,6900
	Separado	02	0,2850	0,1202	0,0850	-0,7950	1,3650
	Total	106	0,6542	0,2271	0,0220	0,6104	0,6979
Conhecimento	Casado	29	0,7294	0,2685	0,0498	0,6273	0,8316
	Solteiro	75	0,5476	0,1784	0,0206	0,5065	0,5887
	Separado	02	0,6923	0,0000	0,0000	0,6923	0,6923
	Total	106	0,6001	0,2200	0,0213	0,5577	0,6425

Fonte: dados da pesquisa

Convém destacar que o nível de alfabetização financeira associado ao estado civil alinhou-se com o resultado de pesquisas realizadas fora do país, contrariando os achados de Potrich *et al.* (2014), que viram nos solteiros os maiores níveis de alfabetização financeira. Esta divergência pode ser decorrente de outras variáveis que, aliadas ao estado civil, determinaram o pior desempenho deste grupo na organização analisada. Destaca-se ainda que o número restrito de respondentes que se declararam separados se mostrou insuficiente para que qualquer consideração sobre este grupo tivesse alguma precisão. A Tabela seguinte demonstra a ANOVA da alfabetização financeira em função da variável estado civil:

Tabela 11 - ANOVA dos índices de alfabetização financeira por estado civil

		Soma dos quadrados	df	Quadrados médios	F	Sig.
Comportamentos	Entre grupos	0,440	02	0,220	4,552	0,013
	Dentre grupos	4,977	103	0,048		
	Total	5,417	105			
Conhecimento	Entre grupos	0,709	02	0,354	8,340	0,000
	Dentre grupos	4,377	103	0,042		
	Total	5,086	105			

Legenda:

Df = *Degrees of Freedom* (Graus de liberdade). Número de determinações independentes menos o número de parâmetros estatísticos a serem avaliados na população.

F = Variância entre grupos / Variância dentre grupos. Razões F maiores indicam diferenças significativas entre os grupos;

Sig = Significância estatística. Relação entre duas variáveis que é verdadeira e não se deve a eventos aleatórios (Sig < 0,05)

Fonte: dados da pesquisa

Também se relacionou os níveis de alfabetização financeira com o fato de o respondente possuir ou não dependentes. Neste aspecto, os militares que declararam possuir dependentes mostraram as maiores médias de conhecimentos e de comportamentos financeiros, contrariando Potrich *et al.* (2014). De forma empírica, é possível afirmar que os indivíduos que possuem dependentes são forçados a manter comportamentos financeiros adequados, já que suas ações influenciarão na qualidade de vida de seus familiares. Isso pode conduzi-los a buscar informações e aprimorar sua gestão financeira pessoal, podendo contribuir para o quadro encontrado na Organização Militar analisada:

Tabela 12 - Estatística descritiva da alfabetização financeira por dependentes

		N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
Comportamentos	Não possui dependentes	81	0,6436	0,2321	0,0257
	Possui dependentes	25	0,6884	0,2110	0,0422
Conhecimentos	Não possui dependentes	81	0,5640	0,1920	0,0213
	Possui dependentes	25	0,7169	0,2652	0,0530

Fonte: dados da pesquisa

Novamente, cabe associar este resultado às demais variáveis sociodemográficas. Na maioria dos casos, os militares que afirmaram possuir dependentes também são pertencentes aos mais altos níveis hierárquicos, possuem as idades mais avançadas, maior escolaridade e maior renda. Desta maneira, há margem para ponderar o peso da posse ou não de dependentes na formação do nível de alfabetização financeira. A Tabela a seguir apresenta o Teste T, que demonstra por meio da significância que as variações entre os grupos podem ter ocorrido ao acaso no âmbito dos comportamentos financeiros:

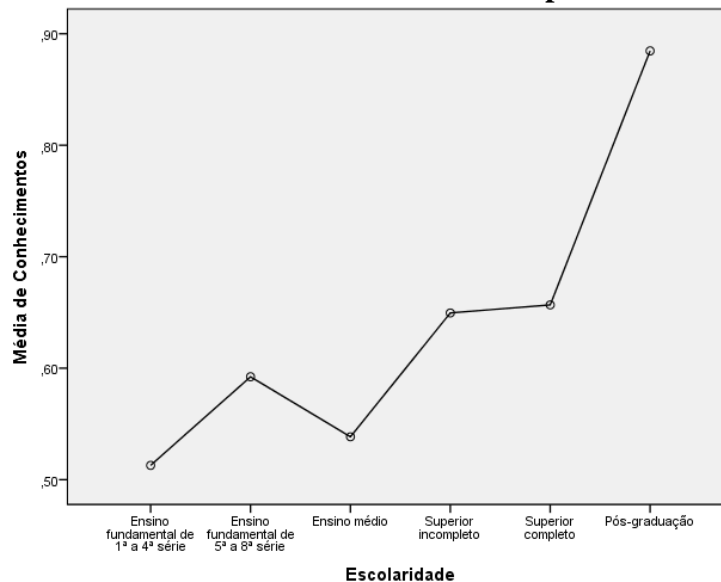
Tabela 13 - Teste T dos índices de alfabetização financeira por dependentes

		Teste de Levene de homogeneidade de variâncias		Teste <i>t</i> de igualdade de médias				
		F	Sig.	T	Df	Sig. Bilateral	Diferença das médias	Erro padrão da diferença
Comportamentos	Variâncias iguais assumidas	1,455	0,231	-0,861	104	0,391	-0,0448	0,0520
	Variâncias iguais não assumidas			-0,906	43,449	0,370	-0,0448	0,0494
Conhecimento	Variâncias iguais assumidas	2,768	0,099	-3,164	104	0,002	-0,1529	0,0483
	Variâncias iguais não assumidas			-2,674	32,138	0,012	-0,1529	0,0571

Fonte: dados da pesquisa

No que tange a escolaridade, viu-se uma relação de proporção direta entre esta variável e os níveis de conhecimento e de comportamentos financeiros, tal qual pesquisas anteriores (AGARWALA *et al.*, 2012; ATKINSON; MESSY, 2012; BROWN; GRAF, 2013; CHEN; VOLPE, 1998; POTRICH *et al.*, 2014; POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2014). Ressalta-se que os achados desta pesquisa contradizem que a escolaridade influencia de maneira sutil a educação financeira (DIAS, 2013; SCHERESBERG, 2013). As diferenças entre as médias dos níveis de conhecimentos e de comportamentos financeiros são expostas nas figuras que seguem:

Figura 8 - Nível de conhecimentos financeiros por escolaridade

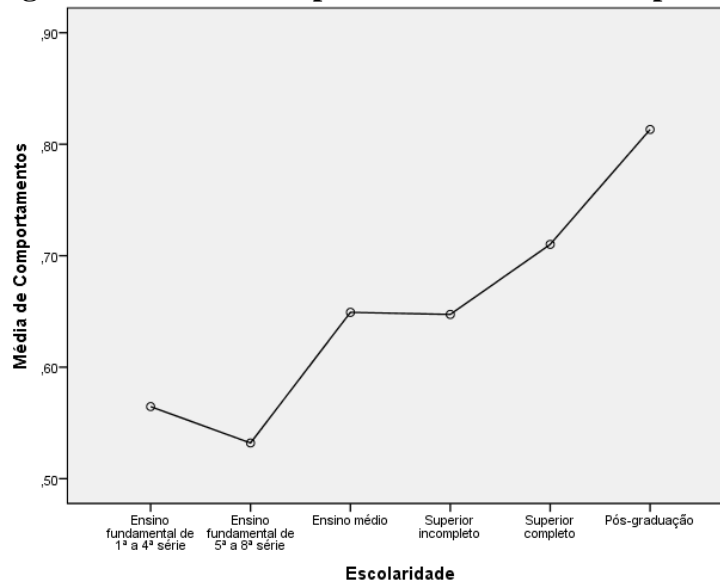


Fonte: dados da pesquisa

Com base na figura 8, é possível perceber que as maiores médias de conhecimentos financeiros estão associadas às maiores escolaridades. Com isso, cabe destacar o posicionamento de Lusardi (2015), pois a autora defende a importância do sistema de ensino na capacitação do indivíduo. Lucena e Marinho (2013) demonstraram que o baixo desempenho em educação financeira de estudantes de nível médio tem como causa a omissão do tema nos currículos escolares. Neste sentido, tem-se na família uma das principais fontes de conhecimentos financeiros (AMADO, 2011). Este contexto que pode gerar uma tendência de perpetuar comportamentos inadequados, já que a capacitação em finanças pessoais é muitas vezes baseada em atividades de tentativa e erro (SEVERO, 2011).

A Figura 9, apresentada a seguir, demonstra que os maiores níveis de escolaridade também se manifestaram nos maiores escores de comportamentos financeiros:

Figura 9 - Nível de comportamentos financeiros por escolaridade



Fonte: dados da pesquisa

Baseando-se nas figuras ora apresentadas, reafirma-se que o conhecimento de aspectos da gestão financeira pessoal torna-se visível na dimensão da aplicação, representada pelos comportamentos financeiros. Entretanto, apesar das diferenças apontadas pela estatística descritiva, na tabela 14, vê-se no nível de significância que a escolaridade não produz efeito estatisticamente significativo no campo dos conhecimentos e dos comportamentos financeiros:

Tabela 14 - ANOVA dos índices de alfabetização financeira por escolaridade

		Soma dos quadrados	Df	Quadrados médios	F	Sig.
Comportamentos	Entre grupos	0,038	0,412	05	0,082	1,648
	Dentre grupos	5,379	5,005	100	0,050	
	Total	5,417	5,417	105		
Conhecimento	Entre grupos	0,447	0,963	05	0,193	4,673
	Dentre grupos	4,639	4,122	100	0,041	
	Total	5,086	5,086	105		

Legenda:

Df = *Degrees of Freedom* (Graus de liberdade). Número de determinações independentes menos o número de parâmetros estatísticos a serem avaliados na população.

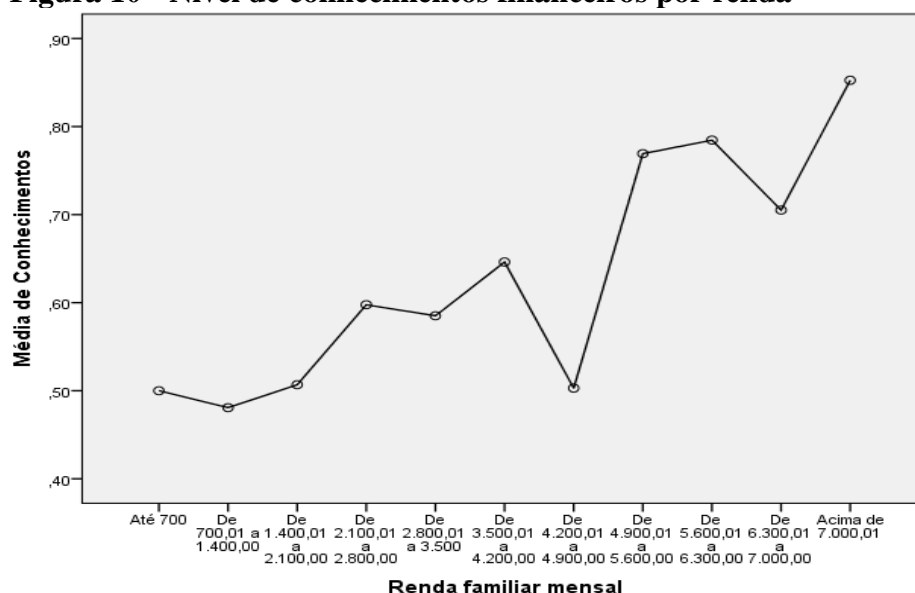
F = Variância entre grupos / Variância dentre grupos. Razões F maiores indicam diferenças significativas entre os grupos;

Sig = Significância estatística. Relação entre duas variáveis que é verdadeira e não se deve a eventos aleatórios (Sig < 0,05)

Fonte: dados da pesquisa

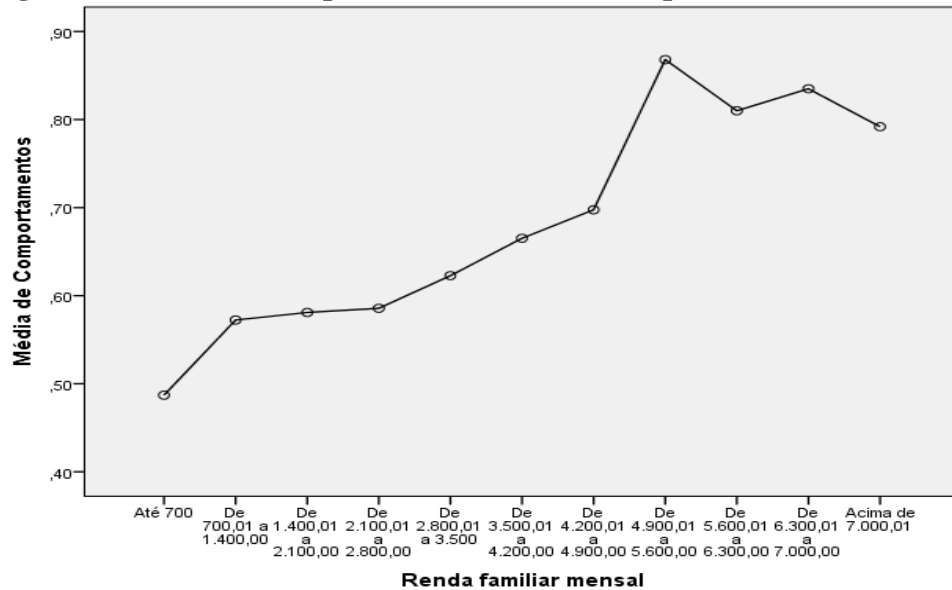
Passando à análise do efeito da renda na alfabetização financeira, também foi constatada relação entre o efeito desta variável na formação do nível de alfabetização financeira, sendo que os resultados encontram amparo na literatura (ATKINSON; MESSY, 2012; BROWN; GRAF, 2013; DELAVANDE; ROHWEDDER; WILLIS, 2008; LUSARDI, 2015; MICHELS, 2015; MOTTOLA, 2012; POTRICH; VIEIRA; PARABONI, 2013; POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2014). As relações entre as médias destes construtos e a renda são apresentadas nas figuras que seguem:

Figura 10 - Nível de conhecimentos financeiros por renda



Fonte: dados da pesquisa

A Figura 10 demonstra que as menores rendas estão associadas aos menores níveis de conhecimentos financeiros. Da mesma maneira, a figura seguinte demonstra que os respondentes que obtiveram as menores médias de comportamentos financeiros são também aqueles que têm as menores faixas de renda. Este resultado serve para enfatizar que esta parcela da população está mais exposta às consequências do atraso com a educação financeira no país, uma vez que demonstraram possuir conhecimentos financeiros limitados, além de afirmarem não reproduzir comportamentos financeiros adequados. Diante disso, é reforçada a necessidade de priorizar aqueles com maior restrição orçamentária em programas de educação financeira.

Figura 11 - Nível de comportamentos financeiros por renda

Fonte: dados da pesquisa

Em adição aos apontamentos realizados com base na estatística descritiva, a Tabela 15 demonstra que a variância dos dados não se deu apenas pelas diferenças naturais entre os respondentes, mas sim pela influência da renda nos seus comportamentos e conhecimentos financeiros. Tal constatação opõe-se com Monticone (2010) e Dias (2013), pois estes autores assumem que a renda produz um efeito positivo, porém pequeno no nível de conhecimentos financeiros:

Tabela 15 - ANOVA dos índices de alfabetização financeira por renda

		Soma dos quadrados	Df	Quadrados médios	F	Sig.
Comportamentos	Entre grupos	0,978	10	0,098	2,092	0,032
	Dentre grupos	4,440	95	0,047		
	Total	5,417	105			
Conhecimento	Entre grupos	1,526	10	0,153	4,074	0,000
	Dentre grupos	3,559	95	0,037		
	Total	5,086	105			

Legenda:

Df = *Degrees of Freedom* (Graus de liberdade). Número de determinações independentes menos o número de parâmetros estatísticos a serem avaliados na população.

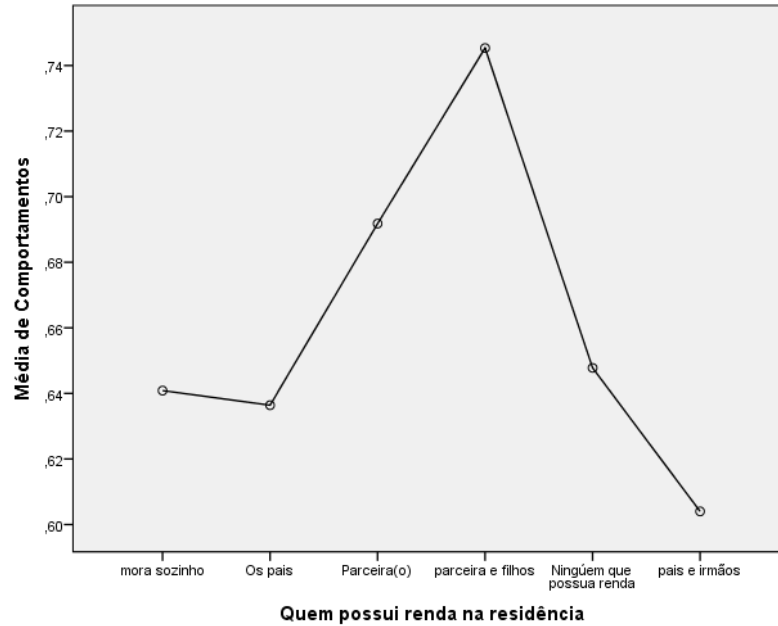
F = Variância entre grupos / Variância dentre grupos. Razões F maiores indicam diferenças significativas entre os grupos;

Sig = Significância estatística. Relação entre duas variáveis que é verdadeira e não se deve a eventos aleatórios (Sig < 0,05)

Fonte: dados da pesquisa

Por fim, buscou-se compreender se o núcleo familiar economicamente ativo exerce alguma influência nos níveis de alfabetização financeira. Neste aspecto, notou-se que os piores escores estão associados aos militares que residem com seus pais, conforme pode ser verificado nas figuras 12 e 13:

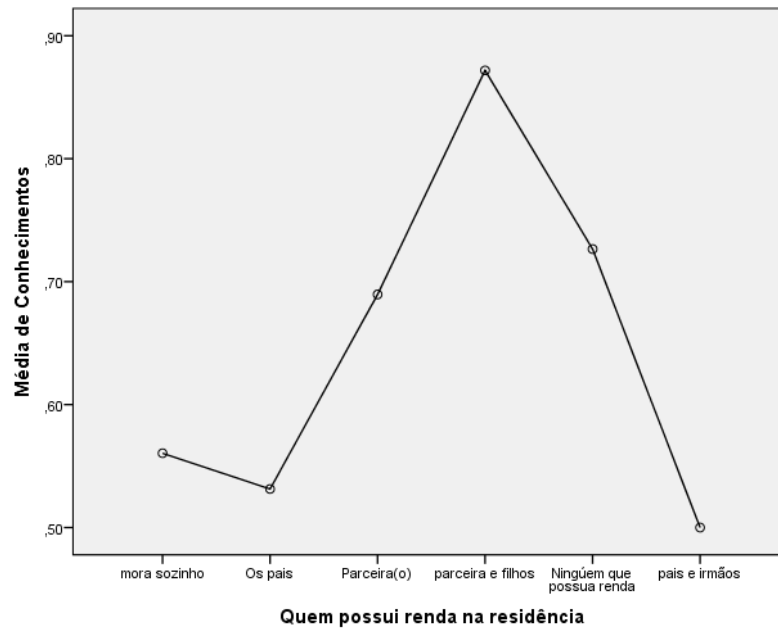
Figura 12 - Nível de comportamentos financeiros por familiares economicamente ativos



Fonte: dados da pesquisa

Analisando estes achados de maneira empírica, conclui-se que os militares que residem com os pais não têm a incumbência de praticar comportamentos financeiros adequados, pois encontram na família uma fonte de resguardo caso passem por dificuldades financeiras. Por isso, deixam de aprimorar seus conhecimentos sobre finanças pessoais, o que é determinante para a condição do nível de alfabetização financeira na organização analisada. Cabe destacar que esta diferença atinge tanto o âmbito dos comportamentos financeiros, quanto o âmbito dos conhecimentos financeiros. As diferenças entre as médias do nível de conhecimentos financeiros é apresentada na figura 13:

Figura 13 - Nível de conhecimentos financeiros por familiares economicamente ativos



Fonte: dados da pesquisa

Apesar das diferenças visíveis nas figuras apresentadas anteriormente, a tabela 16 demonstra por meio da significância e da razão F que no campo dos comportamentos, as diferenças entre os grupos pode ter ocorrido ao acaso, visto que não foram estatisticamente significativas:

Tabela 16 - ANOVA dos índices de alfabetização financeira por residentes economicamente ativos

		Soma dos quadrados	Df	Quadrados médios	F	Sig.
Comportamentos	Entre grupos	0,094	05	0,019	0,352	0,880
	Dentre grupos	5,324	100	0,053		
	Total	5,417	105			
Conhecimento	Entre grupos	0,900	05	0,180	4,302	0,001
	Dentre grupos	4,185	100	0,042		
	Total	5,086	105			

Legenda:

Df = *Degrees of Freedom* (Graus de liberdade). Número de determinações independentes menos o número de parâmetros estatísticos a serem avaliados na população.

F = Variância entre grupos / Variância dentre grupos. Razões F maiores indicam diferenças significativas entre os grupos;

Sig = Significância estatística. Relação entre duas variáveis que é verdadeira e não se deve a eventos aleatórios (Sig < 0,05)

Fonte: dados da pesquisa

Com base nos resultados apresentados, conclui-se que as variáveis que determinam as diferenças entre os níveis de conhecimentos e de comportamentos financeiros são a idade, o estado civil, a posse ou não de dependentes, a escolaridade, a renda, o nível hierárquico e a constituição dos lares, no tocante a residentes economicamente ativos. O pequeno número de respondentes do sexo feminino impossibilitou que o gênero fosse apontado como fator de influência nos níveis de alfabetização financeira. Ademais, salienta-se que nem todas as variáveis apresentadas exerceram influência de igual intensidade, sendo que algumas destas diferenças podem ter ocorrido naturalmente ou ao acaso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atual cenário econômico brasileiro tem se mostrado um tanto desafiador para as famílias, em especial as de baixa renda. As incertezas atinentes a este cenário produzem resultados negativos que são agravados pelo atraso com a educação financeira do país, pois são muitos indivíduos consumindo produtos e serviços do mercado financeiro sem o completo entendimento dos conceitos por trás destas ofertas.

Neste sentido, a educação financeira tem sido apontada pela literatura como a via que permitirá o aprimoramento do bem-estar financeiro dos indivíduos. Entretanto, o conhecimento de teorias não garante, por si só, que o indivíduo será capaz de aplicar o saber financeiro e tomar decisões mais embasadas. Neste sentido, um desdobramento do conceito de educação financeira trouxe à tona a dimensão da aplicação, na formação de um conceito que foi denominado alfabetização financeira. Este novo entendimento pressupõe que para atingir o bem-estar financeiro individual, é necessário combinar um acervo de conhecimentos sobre finanças pessoais com comportamentos e atitudes adequados.

Levando em consideração a existência de uma lacuna educacional, com consequências agravadas no momento em que os jovens saem da fase escolar e são lançados ao consumo, o presente estudo, de viés descritivo, buscou descortinar informações sobre o grau de alfabetização financeira dos militares de uma Organização Militar da fronteira gaúcha. Tal pretensão partiu do pressuposto de que o serviço militar obrigatório apresenta-se como uma porta de entrada ao mercado de trabalho e à inclusão financeira. Assim, julgou-se pertinente avaliar o grau de alfabetização de jovens entrantes no mercado de trabalho e, para compreender melhor as diferenças entre este público e os militares que optam pela permanência no serviço ativo, além dos oriundos das escolas de formação, o estudo estendeu-se a todo o efetivo da Organização Militar.

Para mensurar o nível da alfabetização financeira, foi utilizado um instrumento de coleta de dados e uma metodologia de mensuração já validada por Potrich, Vieira e Kirch (2016). Este procedimento classificou a amostra analisada em dois grupos, sendo um composto por aqueles que detêm baixo nível de alfabetização financeira e outro pelos militares que possuem alto nível de alfabetização financeira. Como resultado, verificou-se que a maior parte do efetivo de servidores militares que compõe a organização possui baixo nível

de alfabetização financeira, do mesmo modo que outras parcelas populacionais apresentadas em estudos anteriores.

Em relação aos construtos formadores do índice de alfabetização financeira – atitudes, comportamentos e conhecimentos – constatou-se que a dimensão das atitudes pouco influi na formação dos níveis de alfabetização financeira. Esta dimensão avalia se o indivíduo é imediatista em suas ponderações sobre o uso do dinheiro ou se ele considera prazos mais longos em suas decisões. Os resultados demonstraram que ambos os grupos tiveram pontuações semelhantes nesta escala. Em contraste, foi possível verificar a relação direta entre conhecimentos financeiros e comportamentos financeiros, demonstrando que os primeiros são a causa e também o meio para as alterações e aprimoramentos comportamentais.

Há de se ressaltar que uma parcela significativa de militares atingiu altos escores de alfabetização financeira se comparados aos demais servidores da organização e aos resultados de pesquisas anteriores. As diferenças mais visíveis foram vistas na análise da variância das médias frente ao nível hierárquico, onde o estrato de Oficiais teve um desempenho muito superior ao estrato representado pelos militares que cumprem o serviço militar obrigatório. Embora existam outras variáveis associadas à formação deste cenário, algumas destas ocultas e não mensuráveis, a principal contribuição dessa pesquisa relaciona-se à apresentação de informações sobre uma parcela da população desconsiderada em estudos anteriores.

Além do nível hierárquico, os resultados da análise de dados indicaram que as variáveis que determinam as diferenças entre os níveis de conhecimentos e de comportamentos financeiros são a idade, o estado civil, a posse ou não de dependentes, a escolaridade, a renda e a constituição dos lares no tocante a residentes economicamente ativos. Salienta-se que nem todas as variáveis apresentadas exerceram influência de igual intensidade, sendo que algumas destas diferenças podem ter ocorrido naturalmente ou ao acaso. Cabe ressaltar ainda, que por conta de terem sido utilizados o Teste *t* e a ANOVA para identificar as diferenças entre os grupos de variáveis sociodemográficas, o estudo não foi capaz de apontar precisamente aonde ocorreram as diferenças. Também não foi estimado o peso em que determinada variável influencia o nível de alfabetização financeira, ficando como sugestão para estudos futuros.

Os resultados encontrados servem ainda para demonstrar que a população da organização militar analisada está sujeita às implicações do analfabetismo financeiro. Huston (2010) alerta que existem diversos outros fatores que comprometem a segurança financeira dos indivíduos, tais como os vieses cognitivos, os problemas de autocontrole e as influências familiares, culturais e situacionais. Desta maneira, mesmo uma pessoa financeiramente alfabetizada pode estar sujeita às implicações de decisões financeiras enviesadas que trarão resultados negativos. Não obstante, a alfabetização financeira pode ser um meio para minimizar a influência destes fatores, pois não há como prever que um indivíduo estará livre da influência dos mesmos sem ao menos conhecê-los.

Assim sendo, urge a necessidade de implementação de programas rígidos de alfabetização financeira à população em geral. Uma solução apontada por diversos especialistas é a inclusão de disciplinas relacionadas à gestão financeira nas grades curriculares das escolas e Instituições de Ensino Superior. Às organizações públicas e privadas, sugere-se que o tema seja abordado por meio de palestras, oficinas, mini-cursos, ou outro meio que abra espaço para a discussão deste tema tão relevante, mas que por vezes não recebe a devida importância, de forma a ampliar o alcance da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF).

REFERÊNCIAS

AGARWALA, Sobhesh *et al.* **A survey of financial literacy among students, Young employees and the retired in India.** Indian Institute of Management Ahmedabad, 2012. Disponível em: <http://www.iimahd.ernet.in/fls/fls12/youngemployessandretired2012.pdf>. Acesso em: 08 maio 2016.

AMADO, Mauro Dal Ponte. **Estudo das finanças pessoais:** educação financeira de ingressantes na Universidade. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração) – UFRGS-RS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/33369/000787440.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 fev. 2016.

ATKINSON, Adele; MESSY, Flore-Anee. Measuring Financial Literacy: Results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) Pilot Study. **OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions**, No. 15, Publicação da OECD, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en>. Acesso em: 30 mar. 2016.

BANCO CENTRA DO BRASIL. **Série Cidadania Financeira:** Estudos sobre Educação, Proteção e Inclusão / Banco Central do Brasil – 2. Ed. – Brasília, Banco Central do Brasil, 2015. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/?cidadaniafinanceira>. Acesso em 16 abr. 2016.

_____. **Caderno de Educação Financeira:** Gestão de Finanças Pessoais. Brasília: BCB, 2013. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf. Acesso em: 06 mar. 2016.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às Ciências Sociais.** 5. Ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF 5 de outubro de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao/htm. Acesso em: 10 mar. 2016.

_____. Decreto nº 7.397 de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 2010. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010?2010/Decreto/D7397.htm. Acesso em: 10 mar. 2016.

BROWN, Alexandra *et al.* State Mandated Financial Education and the Credit Behavior of Young Adults. **Divisions of Research & Statistics and Monetary Affairs, Finance and Economics Discussion Series** Nº 2014-68. Washington, DC. Federal Reserve Bank, 2014. Disponível em: <https://www.federalreserve.gov/pubs/feds/2014/201468/201468pap.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2016.

BROWN, Martin; GRAF, Roman. Financial literacy and retirement planning in Switzerland. **Scholar Commons**, Volume 6, Issue 2, Article 6. University of South Florida, 2013. Disponível em: <http://scholarcommons.usf.edu/numeracy/vol6/iss2/art6>. Acesso em: 13 abr. 2016.

CALAMATO, Maria Paula. **Learning financial literacy in the family**. Tese (Master of Arts) - San Jose State University – 2010. Disponível em: http://scholarworks.sjsu.edu/etd_theses. Acesso em: 13 abr. 2016.

CAMPARA, Jessica Pulino; CERETTA, Paulo Sergio. Atitude ao endividamento: uma análise da influência dos fatores comportamentais e variáveis socioeconômicas. In: XXXV Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2015, Fortaleza-CE. **Anais...** Fortaleza: Associação Brasileira de Engenharia de Produção, 2015. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/TN_STO_208_236_26458.pdf. Acesso em: 08 maio 2016.

CHEN, Haiyang; VOLPE, Ronald P. An Analysis of Personal Financial Literacy among College Students. **Financial Services Review**, 7 (2), p. 107-128, ISSN: 1057-0810. JAI Press Inc., 1998. Disponível em: https://www.cgsnet.org/ckfinder/userfiles/files/An_Analysis_of_Personal_Financial_Lit_Among_College_Students.pdf. Acesso em 13 abr. 2016.

DELAVANDE, Adeline; ROHWEDDER, Susann; WILLIS, Robert. Preparation for Retirement, Financial Literacy and Cognitive Resources. **Working Paper 2008-190**, University of Michigan, Retirement Research Center, 2008. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=1337655>. Acesso em 07 maio 2016.

DIAS, Diego da Silva. **Educação financeira e endividamento: um perfil dos cirurgiões dentistas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – UFRGS-RS, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/97000/000918377.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 fev. 2016.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. Ed. São Paulo: Saraiva 2006.

FECOMÉRCIO. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC)**, Fevereiro de 2016. Assessoria Econômica do Sistema FECOMÉRCIO-RS. Disponível em: http://fecomercio-rs.org.br/uploads/pesquisas/2016_02_29_10_06_01_1_analisepeicfev16.pdf. Acesso em: 20 mar. 2016.

FERNANDES, André Henrique de Souza; CANDIDO, João Gremmelmaier. Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma Instituição de Ensino da cidade de São Paulo. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços** v.5, n.2, pp. 894-913, Julho / Dezembro, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/REGS/article/view/4868/4506>. Acesso em 20 mar. 2016.

FERNANDES, Daniel; LYNCH JR, John G.; NETEMEYER, Richard G. Financial Literacy, Financial Education and Downstream Financial Behavior. **Forthcoming in Management Science**, Jan. 2014. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=2333898>. Acesso em: 19 mar. 2016.

FIELD, Andy. **Descobrimo a estatística usando o SPSS**. Tradução Lorí Viali. – 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

FINKE, Michael; HOWE, John; HUSTON, Sandra J. **Old Age and the Decline in Financial Literacy**. Texas Tech University, 2011. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=1948627>. Acesso em: 13 abr. 2016.

GARCÍA, Nidia *et al.* La educación financiera en América Latina y el Caribe: situación actual y perspectivas. **Serie Políticas Públicas y Transformación Productiva N° 12**. Corporación Andina de Fomento, 2013. Disponível em: https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/OECD_CAF_Financial_Education_Latin_AmericaES.pdf. Acesso em 10 abr. 2016.

GIAMBIAGI, Fábio *et al.* **Economia brasileira contemporânea [recurso eletrônico]: 1945-2010** / [organizadores Fabio Giambiagi... et al.]. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAIR, Joseph F *et al.* **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Tradução de Lene Belon Ribeiro. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HAIR, Joseph F. **Fundamentos de pesquisa de marketing**. Tradução de Francisco Araújo da Costa. Consultoria, supervisão e revisão técnica de Janaina de Moura Engracia Giraldi. Porto Alegre: Bookman, 2010.

HUNG, A. A.; PARKER, A. M.; YOONG, J. Defining and measuring financial literacy. **RAND Working Paper Series WR-708**, 2009. Disponível em: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1498674. Acesso em 04 abr 2016.

HUSTON, Sandra J. Measuring Financial Literacy. **The Journal of Consumer Affairs**, Volume 44, N° 2, ISSN 0022-0078. The American Council on Consumer Interests, 2010. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1745-6606.2010.01170.x/epdf>. Acesso em 15 abr. 2016.

KEMPSON, E. Framework for the Development of Financial Literacy Baseline Surveys: A First International Comparative Analysis. **OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions**, No. 1, OECD Publishing, 2009. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1787/5kmdpz7m9zq-en>. Acesso em 10 abr. 2016.

KUHLMANN, Paulo Roberto Loyolla. **O Serviço Militar, Democracia e Defesa Nacional: Razões da Permanência do Modelo de Recrutamento no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2001.

Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-17102006-102857/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

LEAL, José Alberto. Serviço militar obrigatório: a alternativa adequada. **PADECEME n° 17**. Rio de Janeiro, 2008. P. 4 - 9. Disponível em: <http://servweb.eceme.ensino.eb.br/meiramattos/index.php/RMM/article/viewFile/94/121>. Acesso em: 26 mar. 2016.

LEVIN, Jack; FOX, James Alan. **Estatística para ciências humanas**. Tradução de Alfredo Alves de Farias. Revisão técnica de Ana Maria Lima de Farias. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

LOPES JUNIOR, Derson da Silva; PELEIAS, Ivam Ricardo; SAVOIA, José Roberto Ferreira. Geração Y e educação financeira: um estudo em um centro universitário na cidade de São Paulo. In: XVIII Seminários em Administração. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2015. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/18semead/resultado/trabalhosPDF/511.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2016;

LUCENA, Wenner Glaucio Lopes; MARINHO, Reiniele Alves de Lima. Competências financeiras: uma análise das decisões financeiras dos discentes no tocante as finanças pessoais. In: XVI Seminários em Administração. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2013. Disponível em <http://sistema.semead.com.br/16semead/resultado/trabalhosPDF/696.pdf>. Acesso em 03 mar. 2016.

LUSARDI, Annamaria. Financial Literacy Skills for the 21st Century: Evidence from PISA. **The Journal of Consumer Affairs**, Volume 49, Number 3. The American Council on Consumer Interests, 2015. Disponível em: <http://gflec.org/wp-content/uploads/2015/10/WP-2015-6-FinLit-Skills-for-the-21st-Century-Lusardi-Colston-Lecture-JCA.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2016

MACHADO, Diego da Rocha. **Educação financeira nas escolas de Porto Alegre**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração) - UFRGS-RS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/33220/000787921.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 mar. 2016.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa em marketing**: uma orientação aplicada. Tradução de Laura Bocco. 4. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. Ed. 7. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTIN, Matthew. A literature review on the effectiveness of financial education. **Federal Reserve Bank of Richmond**, Working Paper No. 07-03. Federal Reserve of Richmond, 2007. Disponível em <<http://ssrn.com/abstract=2186650>>. Acesso em 20 mar. 2016.

MATTAR, Frauze Najib. **Pesquisa de marketing**: edição compacta. 4. Ed. 2. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

MICHELS, Álisson Martinelli. **Proposta de indicador de educação financeira**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Pública). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/131508>. Acesso em: 16 mar. 2016.

MONTICONE, Chiara. How Much Does Wealth Matter in the Acquisition of Financial Literacy? **The Journal of Consumer Affairs**, Vol. 44, No. 2, 2010. ISSN 0022-0078. The American Council on Consumer Interests, 2010. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1745-6606.2010.01175.x/epdf>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MOORE, Danna. Survey of Financial Literacy in Washington State: Knowledge, Behavior, Attitudes, and Experiences. **Technical Report n. 03-39**, Social and Economic Sciences Research Center, Washington State University, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/265728242_Survey_of_Financial_Literacy_in_Washington_State_Knowledge_behavior_Attitudes_and_Experiences. Acesso em: 1º maio 2016.

MOTTOLA, Gary R. In Our Best Interest: Women, Financial Literacy and Credit Card Behavior. **Finra Investor Education - Insights**: American Financial Capability, April 2012. Washington-DC, 2012. Disponível em: <http://www.finrafoundation.org/web/groups/foundation/@foundation/documents/foundation/p125971.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2016.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OECD). **Improving Financial Literacy**: Analysis of Issues and Policies. Publicação da OECD, 2005. Disponível em http://www.oecdilibrary.org/financeandinvestment/improvingfinancialliteracy_9789264012578-em. Acesso em 10 abr. 2016.

_____. **Financial literacy and inclusion**: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender. OECD, Paris, 2013. Disponível em: https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/TrustFund2013_OECD_INFE_Fin_Lit_and_Incl_SurveyResults_by_Country_and_Gender.pdf. Acesso em: 1º maio 2016.

OLIVEIRA, Marcos Vinicius de Souza Silva. A Corrente do Bem da Educação Financeira: o cidadão está aprendendo o que o Banco Central está ensinando? In: XXXCI Encontro da ANPAD. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: Acesso em 10 abr. 2016.

POTRICH, Ani Caroline; VIEIRA, Kelmara Mendes; KIRCH, Guilherme. Determinantes da alfabetização financeira: proposição de um modelo e análise da influência das variáveis socioeconômicas e demográficas. In: XXXVII Encontro da ANPAD, 2014, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro-RJ, 2014. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnANPAD_FIN598.pdf. Acesso em: 27 maio 2016.

POTRICH, Ani Caroline; VIEIRA, Kelmara Mendes; KIRCH, Guilherme. Determinantes da alfabetização financeira: proposição de um modelo e análise da influência das variáveis socioeconômicas e demográficas. **R. Cont. Fin. USP**, São Paulo, v. 26, n. 69, p. 362-377, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcf/v26n69/1808-057x-rcf-26-69-00362.pdf> Acesso em: 31 maio 2016.

POTRICH, Ani Caroline Grigion *et al.* Educação Financeira dos Gaúchos: Proposição de uma Medida e Relação com as Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v.9, n.3. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.arena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/ufrj/article/view/2438>. Acesso em 13 abr. 2016.

POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; PARABONI, Ana Luíza. O que influencia a alfabetização financeira dos estudantes universitários? In: XVI Seminários em Administração, 2013, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.arena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/ufrj/article/view/2438>. Acesso em 30 mar. 2016.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Você é Alfabetizado Financeiramente? Descubra no Termômetro de Alfabetização Financeira. **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, v. 13, n. 2, p. 153-170, 2016. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/42226/voce-e-alfabetizado-financeiramente--descubra-no-termometro-de-alfabetizacao-financeira>. Acesso em 20 out. 2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. Colaboradores José Augusto de Souza Peres *et al.* 3. Ed. 14. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

SANTOS, José Odálio, dos. **Finanças pessoais para todas as idades: um guia prático** / José Odálio dos Santos - São Paulo: Atlas, 2014.

SANTOS, Paulo Giordano Giraldo dos. **Análise do conhecimento financeira dos alunos de ensino médio**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração) - UFRGS-RS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39212/000824860.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 mar. 2016.

SCHERESBERG, Carlo de Bassa. Financial literacy and financial behavior among young adults: evidence and implications. **Scholar Commons**, Volume 6, Issue 2, Article 5. University of South Florida, 2013. Disponível em: <http://scholarcommons.usf.edu/numeracy/vol6/iss2/art5>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

SCHWARTZMAN, Simon. Educação e desenvolvimento: onde estamos, e para onde vamos? In. CASTRO, Ana Célia *et al*, org. **Brasil em desenvolvimento**, v.2: instituições, políticas e sociedade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Parte III, p.187-222.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. Ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERO, Raquel Figueira. **Educação Financeira: percepções do público alvo e preferências em relação à educação financeira e à formatação de um curso**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/33362>. Acesso em: 27 mar. 2016.

SILVEIRA, Matheus da Silva. **Gestão financeira pessoal e tomada de decisão de investimento**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração) - UFRGS-RS, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117439/000967175.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 mar. 2016.

APÊNDICES

Apêndice A - Questionário de pesquisa

Seção I – Atitudes Financeiras

Marque com um “X” conforme seu modo de pensar, de acordo com a escala ao lado:	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo Totalmente
1. É importante definir metas para o futuro.					
2. Eu não me preocupo com o futuro, vivo só o presente.					
3. Poupar é impossível para mim/minha família.					
4. Depois de fazer uma decisão sobre dinheiro, eu tendo a me preocupar muito com esta decisão.					
5. Eu gosto de comprar coisas porque isso faz com que me sintam bem.					
6. É difícil fazer um orçamento familiar.					
7. Disponho-me a gastar dinheiro em coisas que são importantes para mim.					
8. Eu acredito que a maneira como eu administro meu dinheiro vai afetar o meu futuro.					
9. Eu acho mais satisfatório gastar dinheiro do que poupá-lo para o futuro					
10. Dinheiro é feito para ser gasto					

Seção II – Comportamentos Financeiros

Marque com um “X” conforme a frequência com que você reproduz os comportamentos descritos, de acordo com a escala ao lado:	Nunca	Raras vezes	Indiferente	Na maioria das vezes	Sempre
11. Anoto e controlo meus gastos pessoais (ex.: planilha mensal de receitas e despesas).					
12. Comparo preços quando vou fazer uma compra.					
13. Reservo parte do dinheiro que recebo mensalmente para futuras necessidades.					
14. Possuo um plano de gastos / orçamento					
15. Sou capaz de identificar os custos que pago quando compro um produto no crédito.					
16. Defino metas para guiar minhas decisões financeiras.					
17. Geralmente alcanço os objetivos que determino ao gerenciar meu dinheiro.					
18. Converso com minha família sobre como gasto nosso dinheiro.					
19. Pago minhas contas em dia					
20. Guardo parte da minha renda a cada mês.					
21. Gasto dinheiro antes de recebê-lo.					
22. Frequentemente peço dinheiro emprestado à família ou amigos para pagar minhas contas.					
23. Analiso minhas contas antes de fazer uma compra grande.					
24. A cada mês, tenho dinheiro suficiente para pagar todas as minhas despesas e arcar com os custos fixos da casa.					
25. Mantenho registros financeiros arquivados e encontro estes documentos com facilidade					

- c. Menos do que hoje
d. Não sei a resposta
42. Considerando um longo período de tempo (ex.: 10 anos), qual ativo geralmente apresenta o maior retorno?
a. Poupança
b. **Ações**
c. Títulos do governo
d. Não sei a resposta
43. Na maioria das vezes, qual ativo tem a maior variação ao longo do tempo?
a. Conta poupança
b. **Ações**
c. Títulos do governo
d. Não sei a resposta
44. Quando um investidor distribui seus investimentos em diferentes ativos, o risco de perder dinheiro:
a. Aumenta
b. **Diminui**
c. Permanece o mesmo
d. Não sei a resposta
45. Um empréstimo com duração de 15 anos geralmente requer pagamentos mensais mais altos do que um empréstimo de 30 anos, mas o montante total de juros pagos ao final do empréstimo será menor. Esta afirmação é:
a. **Verdadeira**
b. Falsa
c. Não sei a resposta
46. Suponha que você tomou um empréstimo de R\$ 10.000,00 para ser pago após um ano e o custo de juros é R\$ 600,00. A taxa de juros que você pagou neste empréstimo é:
a. 0,3 %
b. 0,6 %
c. 3 %
d. **6 %**
e. Não sei a resposta
47. Imagine que você viu o mesmo televisor em duas lojas diferentes pelo valor inicial de R\$ 1.000,00. A loja A oferece um desconto de R\$ 150,00, enquanto que a loja B oferece um desconto de 10 %. Qual é a melhor alternativa?
a. **Comprar na Loja A (desconto de R\$ 150,00)**
b. Comprar na Loja B (desconto de 10 %).
c. Não sei a resposta.
48. Imagine que cinco amigos receberam uma doação de R\$ 1.000,00 e devem dividir o dinheiro igualmente entre eles. Quanto cada um vai obter?
a. 100
b. **200**
c. 1000
d. 5000
e. Não sei a resposta
49. Um investimento com alta taxa de retorno tem maior risco. Esta afirmação é:
a. **Verdadeira**
b. Falsa
c. Não sei a resposta
50. Quando a inflação aumenta, o custo de vida sobe. Esta afirmação é:
a. **Verdadeira**
b. Falsa
c. Não sei a resposta

Seção IV – Perfil do respondente

1. Idade: _____ anos.

2. Gênero: () masculino. () feminino.
3. Estado civil: () casado () solteiro () viúvo () separado
4. Possui dependentes (filhos, enteados, menores, etc.): () Não () Sim. Quantos? _____
5. Qual seu nível de escolaridade? (Marque a alternativa que contém o curso mais elevado que já concluiu).
- | | |
|--|--|
| () Nunca estudei. | () Ensino Fundamental de 1a a 4a série. |
| () Ensino Fundamental de 5a a 8a série. | () Ensino Médio |
| () Superior incompleto | () Superior completo |
| () Pós-graduação | |
6. Quem mora com você e possui renda atualmente? (Pode marcar mais de uma alternativa)
- | | | | |
|----------------------|---------------|-----------------|------------|
| () Moro sozinho(a). | () Seus pais | () Parceira(o) | () Filhos |
| () Outros _____ | | | |
7. Qual é o seu nível hierárquico?
- | | | | |
|-------------|-------------------------|---------------------|----------------|
| () Oficial | () Subtenente/Sargento | () Cabo/Soldado EP | () Soldado EV |
|-------------|-------------------------|---------------------|----------------|
8. Qual é aproximadamente a renda total mensal de todas as pessoas que moram na sua casa, somando todas as fontes, como salário, pensão, aposentadoria, benefícios sociais, aluguéis, bicos?
- | | |
|------------------------------------|------------------------------------|
| () Até R\$700,00. | () De R\$ 700,01 a R\$1.400,00. |
| () De R\$ 1.400,01 a R\$ 2.100,00 | () De R\$ 2.100,01 a R\$ 2.800,00 |
| () De R\$ 2.800,01 a R\$ 3.500,00 | () De R\$ 3.500,01 a R\$ 4.200,00 |
| () De R\$ 4.200,01 a R\$ 4.900,00 | () De R\$ 4.900,01 a R\$ 5.600,00 |
| () De R\$ 5.600,01 a R\$ 6.300,00 | () De R\$ 6.300,01 a R\$ 7.000,00 |
| () Acima de R\$ 7.000,01 | |

ANEXOS

Anexo 1 - Metodologia de utilização do Termômetro de Alfabetização Financeira

Metodologia de cálculo e classificação do nível de alfabetização financeira proposta por Potrich, Vieira e Kirch (2016), utilizada na presente pesquisa:

Passo 1 - De posse das respostas dos pesquisados, conforme as questões marcadas em negrito no instrumento de coleta de dados (Apêndice A), codifique as variáveis:

Atitude financeira – Q2, Q9 e Q10 (escala do tipo Likert):

Discordo totalmente = valor 1

Discordo = valor 2

Indiferente = valor 3

Concordo = valor 4

Concordo totalmente = valor 5

Comportamento financeiro – Q13, Q20, Q28, Q31 e Q36 (escala do tipo Likert):

Nunca = valor 1

Quase nunca = valor 2

Às vezes = valor 3

Quase sempre = valor 4

Sempre = valor 5

Conhecimento financeiro – Q38 a Q50 (questões certas ou erradas):

Para a resposta correta = valor 1

Para as respostas incorretas = valor 0

Passo 2 - Construção das medidas padronizadas de alfabetização financeira:

Atitude financeira

$$ATIT = [0,26*Q2 + 0,49*Q9 + 0,25* Q10]/5$$

Comportamento financeiro

$$COMP = [0,22*Q13 + 0,23*Q20 + 0,19* Q28 + 0,15*Q31 + 0,21*Q36]/5$$

Conhecimento financeiro

$$CONH = [Q38+Q39+Q40+Q41+Q42+Q43+Q44+Q45+Q46+Q47+Q48+Q49+Q50]/13$$

Passo 3 - Inserir os resultados nas fórmulas:

$$D_0 = (0,49 - ATIT)^2 + (0,55 - COMP)^2 + (0,57 - CONH)^2$$

$$D_1 = (0,37 - ATIT)^2 + (0,85 - COMP)^2 + (0,82 - CONH)^2$$

Passo 4 - Critérios de análise e decisão:

- Se $D_0 > D_1$ o indivíduo é considerado com ALTO nível de alfabetização financeira.

- Se $D_0 < D_1$ o indivíduo é considerado com BAIXO nível de alfabetização financeira.